

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - UFSCAR
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS - CECH

RAFAELA CATARINA OLIVEIRA DA ROCHA

**O AMBIENTE PREPARADO PARA A CRIANÇA DE 3
A 6 ANOS DE IDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A
PERSPECTIVA DE MARIA MONTESSORI**

SÃO CARLOS -SP
2025

RAFAELA CATARINA OLIVEIRA DA ROCHA

**O AMBIENTE PREPARADO PARA CRIANÇAS DE 3 A 6 ANOS DE IDADE NA
EDUCAÇÃO INFANTIL: A PERSPECTIVA DE MARIA MONTESSORI.**

Esta monografia é referente ao trabalho de conclusão de curso de licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Adriana Fernandes Coimbra Marigo.

São Carlos-SP
2025

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso investiga a preparação do ambiente proposto pela abordagem de Maria Montessori, na Educação Infantil (EI), para crianças de 3 a 6 anos. Esta temática é um recorte mais aprofundado a partir dos resultados obtidos através da iniciação científica da estudante. Tem como objetivo geral: Compreender a preparação do ambiente escolar para crianças de 3 a 6 anos de idade, indicada por Maria Montessori, relacionando-a com as indicações para a educação infantil brasileira. Como metodologia, utilizou-se da pesquisa bibliográfica das fontes. E utilizou-se as técnicas de análise de conteúdo propostas por Bardin. Com isso, busca-se oferecer elementos para o campo da didática, em particular para a atuação nas escolas contemporâneas da EI. Os resultados da análise permitiram identificar cinco categorias fundamentais na preparação do ambiente: o conceito de ambiente, o papel do/a educador/a, a mobília, os materiais e o ambiente externo. Essas categorias foram sintetizadas em três elementos principais: a criança, o ambiente (interno e externo) e um/a educador/a preparado/a. Além disso, foram identificados dois elementos secundários, a saber: os materiais e a mobília.

Palavras-chave: Ambiente. Planejamento. Abordagem de Montessori. Educação Infantil.

ABSTRACT

This undergraduate thesis investigates the preparation of the learning environment as proposed by Maria Montessori's approach in Early Childhood Education for children aged 3 to 6 years. This study represents a deeper exploration of findings obtained through the author's previous scientific research. The general objective is to understand the structuring of the school environment for children within this age group, as outlined by Maria Montessori, and to relate it to the guidelines of Brazilian Early Childhood Education. Methodologically, the study adopts a bibliographic research approach for source selection and employs content analysis techniques, as proposed by Bardin, for data examination. The research aims to contribute to the field of didactics, particularly regarding pedagogical practices in contemporary Early Childhood Education settings. The analysis results identified five fundamental categories in the preparation of the environment: the concept of the environment, the role of the educator, furniture, materials, and the external environment. These categories were synthesized into three main elements: the child, the environment (both internal and external), and a well-prepared educator. Additionally, two secondary elements were identified, namely materials and furniture.

Keywords: Environment. Planning. Montessori approach. Early Childhood Education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
3. METODOLOGIA.....	13
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	14
4.1. Apresentação da fonte de pesquisa	14
4.2. O ambiente no livro analisado	16
4.3. Elementos fundamentais para a preparação do ambiente	19
4.4 Discussão dos resultados	221
5. CONCLUSÕES	22
6. REFERÊNCIAS	24
7. APÊNDICE	26

1. INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) investigou a preparação do ambiente proposto pela abordagem de Maria Montessori (1870-1952). A escolha desta temática partiu dos resultados obtidos da Iniciação Científica (IC), intitulada: “O conceito de independência na primeira infância a partir de Maria Montessori: uma análise bibliográfica de suas obras fundamentais”, desenvolvida em 2023 e 2024. Os resultados da IC, trouxeram além do conceito de independência para Montessori, as bases de sua abordagem, sendo elas: a criança, o ambiente e o/a educador/a. A partir dessas bases foi escolhido o olhar para o ambiente, sendo ele o elemento que está entre a criança e o/a educador/a. Portanto, como temática deste trabalho, tem-se o Ambiente preparado na Educação Infantil (EI) e pretende-se compreender qual a perspectiva da autora sobre o objeto de estudo.

Sendo assim, este trabalho se insere nos estudos do campo da Didática geral, voltando-se especialmente para a organização do trabalho docente na EI. A Didática Geral focaliza, como objeto de estudos, os processos de ensino e aprendizagem, os quais não são intuitivamente desenvolvidos pelos sujeitos envolvidos, visto que tais processos são intencionais e situados em determinado espaço e tempo. Portanto, na perspectiva da Didática, considera-se que o ensino e a aprendizagem parte de necessidades específicas de seus sujeitos, e as demandas atribuídas às instituições sociais de cada época.

O trabalho se encontra dentro de um debate já existente, primeiramente, no campo da EI, em segundo sobre o Ambiente Pedagógico na EI e por fim tem como referencial teórico a abordagem e a ambientação proposta por Montessori. Portanto, para chegar no estudo do objeto de pesquisa, vale inserir uma breve contextualização teórica sobre esse debate já existente. Para isso, foi feito um levantamento bibliográfico da literatura brasileira sobre esses três campos e em seguida uma análise da obra “A Descoberta da Criança: Pedagogia Científica”, referencial de onde foram extraídos os elementos que compõem a preparação do ambiente. A escolha desta obra se deu a partir do primeiro contato com a ela durante a IC, visto que o livro tem um capítulo intitulado “O Ambiente”, ela foi escolhida para análise.

Após o levantamento bibliográfico foram escolhidos quatro artigos e um documento sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). No campo de debate sobre a EI, foram escolhidos dois artigos, sendo eles: “Educação Infantil e Pedagogia Histórico-Crítica: apontamentos sobre a educação escolar”, escrito por Fernanda Yully dos Santos Monteiro (2021) e “Educação Infantil: avanços e desafios para o desenvolvimento na primeira infância”, escrito por Livia Crespi, Deise Noro e Marcia Nóbile (2018). Sobre o objeto de estudo “O Ambiente”, foi escolhido a BNCC (2018) e seus apontamentos sobre a temática, além do artigo

“O Ambiente pedagógico na Educação Infantil e a contribuição da psicologia”, escrito por Ana Rosa Picanço Moreira e Tatiana Noronha Souza (2016). Por fim, debatendo sobre a abordagem montessoriana e o impacto do ambiente na EI, foi escolhido o artigo “Neuroarquitetura e o Método Montessori: Impacto Do Ambiente Na Educação Infantil”, escrito por Angélica Carla Porfirio Oliveira e Mário Cesar Fialho de Oliveira (2021).

Isso posto, voltando-se para a Educação Infantil (EI), Monteiro (2021) traz algumas reflexões sobre a educação escolar em sua dissertação de mestrado com a temática “Educação Infantil e Pedagogia Histórico-Crítica: apontamentos sobre a educação escolar”. O texto apresenta a teoria do “aprender a aprender” e o pós-modernismo, atreladas ao construtivismo, e o materialismo histórico dialético com a pedagogia histórico-crítica. A autora teve o intuito de discutir a educação escolar, no caso a primeira etapa da educação básica, com o objetivo de superar o espontaneísmo na educação infantil. Monteiro (2021), sugere que as bases teóricas para as crianças dessa idade devem ser críticas e comprometidas com um ensino baseado no conceito de omnilateral, ou seja:

a omnilateralidade pode ser compreendida enquanto a defesa de uma formação que integra ciência e técnica ao desenvolvimento do homem em todas as suas potencialidades, superando contradições e antagonismos de classe. (Manacorda, 2011, p. 7 *apud* Monteiro 2021, p. 2).

Portanto, a autora contribui para a compreensão de que o ensino na EI deve ser propositivo, desvinculando a “liberdade espontânea” na EI e defendendo que quanto mais acesso ao conhecimento crítico e cultural a criança tiver, mais livres serão enquanto sujeitos históricos. Este artigo insere para esse trabalho a discussão sobre às abordagens que permeiam a EI e a autora defende que as bases teóricas para serem usadas nesse contexto devem ser críticas e comprometidas com o desenvolvimento integral da criança. Logo, se alinham, de certa forma, com a temática proposta.

Outro ponto importante para o debate sobre a EI, são as políticas públicas na área da educação. Para essa temática a pesquisa de Crespi, Noro e Nóbile (2018), trazem contribuições importantes, pois dissertam sobre a “Educação Infantil no Brasil: avanços e desafios para o desenvolvimento da primeira infância”. As autoras fazem uma linha do tempo de 2009 a 2017 de documentos legais relacionados com a EI, além de analisar a importância da EI e sua oferta no Brasil. Além disso, trazem para o debate as teorias de desenvolvimento infantil de autores como Piaget (1999), Papalia, Olds e Feldman (2006), Cosenza e Guerra (2011) e Bee (2011). Como conclusão, o artigo disserta sobre a necessidade dos/as docentes estarem cientes das políticas públicas de defesa da EI, mas principalmente sobre o desenvolvimento psíquico e de

aprendizagem. Pois, a EI deve superar seu mero cuidado assistencialista e compreender a intencionalidade do fazer pedagógico e consciente possibilitando o desenvolvimento integral das crianças no ambiente escolar.

Este artigo contribui para a defesa da EI como sendo um direito da criança. Mas também a necessidade da atuação docente consciente das teorias de desenvolvimento infantil, com enfoque no desenvolvimento psíquico e de aprendizagem da criança. Ou seja, traz a atuação docente com um olhar para a formação dos/as professores/as, trazendo a intencionalidade no fazer pedagógico como superação da EI de seu papel assistencialista. Na temática deste trabalho, Crespi, Noro e Nóbile (2018), trazem o olhar para a formação do/a o/a educador/a, que para a Montessori seria o/a educador/a preparado, que é preparado/a com os conhecimentos que envolvem os direitos da criança, seu desenvolvimento integral e as abordagens desenvolvidas no ambiente escolar.

Finalizando o debate sobre o campo da EI e adentrando ao objeto de estudo “o ambiente pedagógico”, iniciamos com a visão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Primeiramente em relação a EI a BNCC estabelece “Direitos de aprendizagem e desenvolvimento”, sendo eles: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhece-se. Além disso, fala sobre cinco “Campos de Experiências” para as crianças aprenderem e se desenvolverem, sendo eles: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Oralidade e escrita; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformação.

Sobre o ambiente, a BNCC traz que:

as condições para que as crianças aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural. (BNCC, p. 35)

Isso posto, a BNCC fala sobre o ambiente sendo ele propositivo e desafiador, porém não especifica como preparar esse ambiente, apenas traz uma visão geral de como ele deve ser para a criança. Portanto, o documento, como sugerido traz as bases para o ambiente, logo a preparação do ambiente proposto por Montessori traz o ferramental didático para que a criança possa vivenciar esses desafios que a BNCC propõe.

Sobre o objeto de estudo, Moreira e Souza (2016), trazem no artigo “Ambiente pedagógico na educação infantil e a contribuição da psicologia”, a preparação do espaço/ambiente como revelador de pistas para a compreensão do projeto de educação que é desenvolvido pelas instituições de ensino. Segundo as autoras, ao observar como é a estrutura escolar de uma instituição é possível descobrir qual a:

concepção de criança e infância que subjaz às práticas educativas, quais concepções de aprendizagem e desenvolvimento orientam as relações pedagógicas e como são as relações estabelecidas entre as crianças e delas com os adultos (Moreira; Souza, p. 230, 2016)

Ancoradas em Vygotsky (1984) e na Psicologia Histórico-Cultural, as autoras trazem a concepção de criança com caráter participativo no processo de socialização e desenvolvimento, rompendo com a visão adultocêntrica da infância. Essa concepção influencia na hora de preparar um ambiente de EI, pois o espaço é uma força silenciosa de ensino que “transmite mensagens sobre o ensinar e o aprender” (Frago; Escolano, 2001, p. 69 *apud* Moreira; Souza, 2016). Logo, o espaço não é neutro, pois carrega as marcas de quem o prepara refletindo a concepção de mundo tendo signos e símbolos afetivos e culturais (Ribeiro, 2004, p. 103 *apud* Moreira; Souza, 2016).

Este artigo é o que mais se aproxima da visão de Montessori sobre o ambiente, pois o ambiente ele fala por si, mesmo antes do/a educador/a. Ele não é neutro e reflete a concepção de educação e carrega a intencionalidade do/a educador/a. Portanto, a proposta da temática “O Ambiente” na EI se encaixa e pode trazer contribuições pertinentes para essa discussão, no caso da Montessori traz ferramental para a preparação do ambiente.

Por fim, em relação ao ambiente preparado e a perspectiva de Montessori, Oliveira e Oliveira (2021), debatem sobre a “Neuroarquitetura e o método Montessori: Impacto do Ambiente na Educação”. Neste trabalho os autores defendem o uso do espaço físico com proposta pedagógica sendo utilizado para promover qualidade de vida e aprendizagem para as crianças. Além de trazer a abordagem montessoriana como alternativa para superar a padronização da mobília e do método tradicional de educação centralizado no/a professor/a. Pois a abordagem de Montessori se baseia no desenvolvimento da independência da criança pautada na educação dos sentidos, logo tal abordagem auxiliaria no processo de desenvolvimento da criança na primeira infância.

Após a introdução dos três campos em que a temática se insere, sendo eles a EI, o ambiente pedagógico na EI e a proposta de ambientação de Montessori. Este trabalho irá oferecer, através da análise da obra escolhida “A Descoberta da Criança: Pedagogia científica”, quais são os elementos que a autora define como fundamentais para a elaboração do ambiente.

A escolha da abordagem montessoriana, surgiu a partir do estágio não-obrigatório que desenvolvi em uma instituição escolar com abordagem montessoriana, chamada Vivá. Esta vivência possibilitou conhecer a abordagem e a autora, além do dia-a-dia de uma escola montessoriana. Porém, o primeiro contato com a abordagem, veio teoricamente através do Grupo de Pesquisa e Prática (GPP), ofertado pela instituição. Nesse grupo era ofertado um dia de vivência na escola como observadora além dos encontros para debates teóricos.

Cronologicamente, o GPP veio antes do estágio, mas foi o estágio que possibilitou a vivência da rotina e que posteriormente desencadearam a IC.

A partir do método de observação, pude acompanhar o desenvolvimento de uma criança dentro do Vivá, com isso começaram as primeiras perguntas sobre como aquele ambiente, que proporciona autonomia para as crianças, auxilia no seu desenvolvimento. Com essas vivências foi possível delimitar a faixa etária em que a iria trabalhar, pois a escola é dividida em Nido (1 a 3 anos) e Infantele (3 a 6 anos). Esses agrupamentos com idades mistas, advém da compreensão dos períodos de crescimento infantil. Para Montessori “O desenvolvimento é uma sucessão de nascimento”. Em um certo período da vida, uma individualidade psíquica cessa e a outra nasce” (Montessori, p. 26, 1952-2021). Portanto, para a autora o primeiro período vai do nascimento até os seis anos, sendo dividido em duas subfases distintas: a primeira, de zero a três anos e a segunda de três a seis anos.

Isso posto, com as perguntas que surgiram e com a faixa etária delimitada, e com a orientação da Prof.^a Dr.^a Adriana Fernandes Coimbra Marigo, podemos desenvolver uma pesquisa que investigou o conceito de independência dentro da abordagem montessoriana e com os resultados da pesquisa, refinamos o olhar para o ambiente e desenvolvemos este Trabalho de Conclusão de Curso.

Portanto, este Trabalho de Conclusão de Curso pretende responder: *Quais os elementos a serem considerados na preparação do ambiente escolar para crianças de 3 a 6 anos?*

Tem como **objetivo geral**: *Compreender a preparação do ambiente escolar para crianças de 3 a 6 anos de idade, indicada por Maria Montessori. Relacionando-a com as indicações para a educação infantil brasileira.*

Objetivos específicos

- *Identificar indicações da literatura brasileira para a preparação do ambiente escolar de crianças de 3 a 6 anos de idade.*
- *Analisar o livro A Descoberta da criança: pedagogia científica de Maria Montessori, identificando elementos considerados como fundamentais para a preparação do ambiente escolar de crianças de 3 a 6 anos de idade.*
- *Relacionar o conceito de “ambiente preparado” indicado por Maria Montessori para crianças de 3 a 6 anos de idade com as indicações da literatura brasileira para essa faixa etária.*

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Este trabalho buscou oferecer elementos para o campo da didática, em particular para a atuação nas escolas contemporâneas de Educação Infantil.

Marin (2011), define a didática como sendo uma área do conhecimento pedagógico que focaliza seus estudos em análise, divulgação e desempenho do trabalho docente. Além de elencar três facetas da didática, sendo elas: um núcleo de trabalho docente, trazendo um conjunto de ações para auxiliar os/as docentes a articular o conhecimento na mediação de conteúdo para os/as estudantes; é fundamental para a formação de professores/as a fim de ajudá-los/as a desempenhar sua função em sala de aula; e a terceira faceta é a da investigação, pois promove a busca de materiais didáticos, procedimentos de ensino e formas de relacionamento entre professor/a e estudantes. Portanto, a didática usa de obras clássicas do pensamento pedagógico, conhecimentos sobre as problemáticas contemporâneas e a realidade escolar para promover o ensino e aprendizagem dos/as estudantes, sendo crianças, jovens ou adultos.

A Didática sendo uma disciplina que estuda o processo de ensino e aprendizagem, passou por algumas transformações ao longo dos anos. O surgimento da Didática como campo de estudo, tem como cenário a Reforma Protestante, na Europa, com Comênio (XVII) e seu “método para ensinar tudo a todos” com a Didática Magna (Castro, 1992). O autor enfatiza a importância de uma abordagem sistemática ao ensino, onde os conteúdos são organizados de maneira lógica e progressiva. Exigindo que o/a docente planeje suas aulas de maneira estruturada, garantindo que os/as estudantes construam o conhecimento de forma coerente. Portanto, a organização do trabalho docente deve conter planejamento e avaliação.

No século seguinte, tem-se uma grande revolução na Didática com Rousseau (XVIII), introduzindo um novo conceito de infância, sendo o homem naturalmente bom que é corrompido pela sociedade. No século das Luzes que precedeu a Revolução Francesa, o romantismo de Rousseau coloca em destaque a natureza bondosa da criança e transforma o método da didática em um procedimento natural que pode ser exercido sem pressa e sem livros (Castro, 1992). Para Rousseau, a educação deve ser centrada na criança e em seu desenvolvimento natural. Para ele, o/a educador/a deve atuar como um guia, facilitando o aprendizado em vez de impor conhecimentos, esta perspectiva sugere uma organização do trabalho docente que prioriza as metodologias ativas, onde o/a professor/a atua como mediador do conhecimento (Rousseau, 1999).

Já no Séc. XIX, Herbart (1776-1841), debate sobre a Pedagogia Científica, influenciado pela Filosofia e Psicologia, trazendo para o campo da Didática a ideia da Educação pela Instrução. Além das sequências invariáveis, sendo; preparação, apresentação, associação,

sistematização e aplicação (Castro, 1992). Desse modo, a Didática até esse período coloca uma ênfase maior no método de instrução do que no sujeito e atividade.

O Movimento da Escola Nova, traz novas ideias, sendo elas com metodologias mais ativas e progressistas contrapondo-se às concepções tradicionais focalizadas no/na educador. Nesse período, tem-se autores como Édouard Claparède (1873-1940), Adolphe Ferrière (1879-1960) com a psicopedagogia, Célestin Freinet (1896-1966) e John Dewey (1859-1952) com psicopedagogia e na medicina pedagógica, Ovide Decroly (1871-1932) e Maria Montessori (1870-1952), dentre outros pensadores que trouxeram a mudança de pensamento para a época. Nesse processo, também despontaram as teorias psicológicas da aprendizagem, com o Condicionamento Operante de Skinner nas teorias associacionistas, do outro lado, tem-se Piaget com o pensamento Genético-cognitivistas e Vygotsky com a pensamento genético-dialéticas, ambos nas teorias mediacionais (Castro, 1992).

As teorias associacionistas compreendem o sujeito como produto das contingências do meio físico e social e o ensino é pautado na repetição de exercícios visando recompensas ou castigos (Castro, 1992). Já as teorias mediacionais se concentram na importância dos mediadores, essa abordagem destaca a importância do contexto e das relações interpessoais para a construção do conhecimento (Pimenta, 1997). Isso posto, é notório a evolução dos pensamentos e das contribuições gerais da didática para o campo educacional, principalmente para a Educação Infantil.

A Didática pode ser compreendida como:

Uma disciplina que estuda o processo de ensino no seu conjunto, no qual os objetivos, conteúdos, métodos e formas organizativas da aula se relacionam entre si de modo a criar as condições e os modos de garantir aos alunos uma aprendizagem significativa. Ela trata dos objetivos, condições e meios de realização do processo de ensino, ligando meios pedagógico-didáticos a objetivos sócio-políticos (Libâneo, 2002).

Portanto, a Didática é fundamental para delimitar-se, enquanto docente, para que se está ensinando determinado conteúdo, onde quer que os estudantes cheguem com a aula que está propondo. Estes questionamentos devem estar presentes na Educação Infantil para que assim ela possa superar seu papel de assistencialista. Para Young, a função da escola é crucial na formação da sociedade e na promoção do “conhecimento poderoso” ao qual tem um impacto significativo na vida dos/as estudantes. Para o autor a escola é como um agente de igualdade e justiça social, sendo vista por ele como um meio de democratização e acesso a conhecimentos que podem permitir que indivíduos de diferentes origens sociais possam desenvolver suas potencialidades (Young, 2007).

Segundo Arce (2013), “o ensino na Educação Infantil é o momento em que o professor leva a criança a formar conceitos, a confrontar conhecimentos” (Arce, p. 10), portanto é necessário intencionalidade na atuação do/a professor/a de EI. É necessário compreender a importância das matrizes teóricas do pensamento pedagógico, pois esses saberes irão orientar as práticas pedagógicas. A intencionalidade do/a professor/a se faz presente quando planeja as atividades que pretende desenvolver com as crianças, quando dialoga com a criança e a leva para explorar o mundo que nos rodeia (Arce, p. 10). Desse modo, a Pedagogia Histórico-Crítica auxilia a atuação na educação infantil, pois traz para esse campo um caminho que possibilita um desenvolvimento significativo para as crianças, além da formação de conceitos científicos.

3. METODOLOGIA

O trabalho tem como metodologia a pesquisa bibliográfica. Para Lima e Mioto (2007), a pesquisa bibliográfica “implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório” (Lima e Mioto, p. 38, 2017). Com base nessas autoras, utilizamos as quatro fases de um processo contínuo, sendo elas: 1) Elaboração do projeto de pesquisa (escolha do assunto, formulação do problema e planejamento da busca das respostas à questão formulada); 2) Investigação das soluções (coleta da documentação realizada no momento de levantar a bibliografia e no momento de levantar as informações contidas na bibliografia); 3) Análise explicativa das soluções (mediante a capacidade crítica do pesquisador explicar os dados extraídos do material selecionado); 4) Síntese integradora (produto final do processo de investigação realizado, com apresentação das proposições pretendidas).

Na primeira fase, foi definida a temática “o ambiente pedagógico”. Para embasar a pesquisa, optamos por realizar uma revisão de literatura utilizando as plataformas SciELO (*Scientific Electronic Library Online*) e CAFE (Comunidade Acadêmica Federada), selecionando estudos publicados entre 2014 e 2024. A escolha dessas fontes se deu pela relevância e credibilidade na disseminação do conhecimento científico, enquanto o recorte temporal visa garantir a atualização e pertinência das discussões. Utilizamos os descritores “educação infantil” combinados com “ambiente”, “espaço”, “sala de aula” e “contexto”, permitindo a seleção de artigos que contribuiriam para a compreensão do cenário da educação infantil, das teorias predominantes nessa área, das discussões acadêmicas sobre o ambiente pedagógico e das perspectivas de Montessori sobre o tema.

A partir da revisão bibliográfica foi possível formular a seguinte questão: *Quais os elementos a serem considerados na preparação do ambiente escolar para crianças de 3 a 6 anos?*

Já sobre a perspectiva de Montessori em relação ao ambiente pedagógico, optou-se por ler a obra “A Descoberta da Criança: Pedagogia Científica”, escrita pela autora em 1912 e traduzida pela editora Kirion em 2017. Esta escolha se deu na fase 2, com a intenção de buscar soluções diretamente dos escritos de Montessori.

Na fase 3, realizou-se a análise explicativa das soluções, utilizando as técnicas de análise de conteúdo proposta por Bardin (2012). Esta técnica auxilia na identificação e interpretação dos significados que estão presentes no conteúdo textual, possibilitando fazer uma leitura sistematizada tendo a intenção de compreender as relações entre os elementos presentes em determinado conteúdo. Sendo assim foi definida a palavra “ambiente” como unidade de registro. Cada parágrafo em que a unidade de registro fosse localizada ele seria registrado como unidade de contexto, pois assim as conexões referentes ao conceito de “ambiente” poderiam emergir e serem analisadas.

Por fim, na fase 4, síntese integradora, consistiu na recomposição do tema a partir de interferências em função dos objetivos propostos para este trabalho.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção, será apresentado a obra, os principais resultados obtidos após a leitura e análise, além da discussão sobre quais elementos fundamentais foram encontrados sobre a elaboração do ambiente e pôr fim a discussão dos resultados. No apêndice estarão os 21 quadros de análise do conceito, aos quais serão referenciados durante a apresentação dos resultados.

4.1. Apresentação da fonte de pesquisa

A obra “A Descoberta da Criança: Pedagogia Científica” foi lançada pela editora Kirion em 2017 e traduzida por Pe. Aury Maria Azélio Brunetti (1931), baseado na edição de 1912, cujo título original é “La scoperta del bambini”. Este livro passou por várias revisões ao longo dos anos; Montessori o reescreveu várias vezes, chegando à versão definitiva em 1949, ano em que foi introduzido no Brasil. Sua edição inicial saiu em 1909, com o nome “Il Metodo della Pedagogia Scientifica applicato all’educazione infantile – Casa dei Bambini”, mas recebeu outros títulos ao longo do tempo, incluindo “Pedagogia Científica”, “A Descoberta da Criança”, “The Montessori Method” e “La scoperta del bambini”.

O livro contém 21 capítulos, sendo um dedicado a imagens de crianças manuseando os materiais e vivenciando a abordagem. Os capítulos relatam as experiências de Montessori em uma creche popular, ao qual foi fundadora, em San Lorenzo - Roma: “La case dei Bambini” ou a Casa da criança. Foi um ambiente ao qual Montessori se preparou para albergar crianças vulneráveis socioeconomicamente. Foi com essas crianças que Montessori teve a oportunidade de realizar “a descoberta da criança” e dar início aos seus estudos sobre as leis fundamentais que regem o desenvolvimento psíquico e intelectual da criança.

Segundo o relato de Celma Pinho Perry, que escreve o “Prefácio” do livro, a abordagem de Montessori chegou ao Brasil através de cursos de formação de professores, tendo uma de suas primeiras aulas em 1957, no Colégio Sion em São Paulo.

A obra apresenta as linhas teóricas que inspiraram Montessori, como os trabalhos de Jean Itard (1774 - 1838), com o menino de Aveyron e a psicologia experimental e pedagogia científica de Edouard Séguin (1812, 1880). Utilizando essas bases, Montessori destaca que não pretende “transformar o educador elementar num assistente de antropologia ou de psicologia científica; tampouco num higienista”, mas que deseja “dirigi-lo no caminho da ciência experimental, ensinando-o a manejar, de forma moderada, cada um dos instrumentos, limitando esse aprendizado ao objetivo em vista e orientando-o no caminho do espírito científico” (DC, p. 21).

Desse modo, Montessori expõe qual seu objetivo no despertar da consciência do/a educador/a, sendo ele: “o interesse pelas manifestações dos fenômenos naturais em geral, levando-o a amar a natureza e a sentir a ansiosa expectativa de todo aquele que aguarda o resultado de uma experiência que preparou com muito cuidado e carinho” (DC, p. 21).

Para melhor compreensão do que Montessori quis dizer com essa frase, vale destacar o que são fenômenos naturais para a autora: os fenômenos naturais estão ligados ao desenvolvimento psíquico e motor da criança e eles só podem ser observados pelo/a educador/a em um ambiente preparado para a criança agir, pois os fenômenos ocorrem através do movimento. O ambiente, ponto central deste trabalho, é um fator importante para a abordagem, sendo usado por Montessori como um ferramental para auxiliar a criança em seu desenvolvimento. Porém, a autora destaca: “o fator ambiente pode modificar, isto é ajudar ou destruir, jamais criar. As origens do desenvolvimento são interiores” (DC, p. 65). Com essa afirmação, Montessori decide preparar o ambiente para que a criança possa viver nele, uma “Casa da Criança”, com móveis a sua altura, objetos que ela possa tocar, arrastar, limpar etc., com lugares para escalar, correr, dormir, pular etc. Um ambiente todo preparado para a vida se desenvolver.

Além disso, nesta obra de Montessori traz três pilares que sustentam a abordagem, sendo eles: A mestra, o ambiente e a criança, na construção da Educação dos Sentidos. O/a educador/a, que pela autora é chamado/a de “Mestra”, deverá ser o/a primeiro/a a ser desperto/a, no sentido de despir-se do ego tirano e aprender a observar a criança sendo treinado pelo método de observação desenvolvido por Itard. Além disso, deverá compreender que a educação é compartilhada com o ambiente, ou seja, o/a educador/a fala através do ambiente, utilizando-o como ferramenta para se comunicar com a criança. Então, é o/a educador/a que prepara o ambiente, mas para isso deverá se preparar antes, conhecendo e sabendo manipular cada objeto que estará disponível para a criança, vestir-se de caridade e humildade, pautar-se no diálogo passivo e respeitoso. Esta observação é contínua e deverá ser anotada para que se monte a Ficha da criança, com principais dificuldades, avanços, e períodos sensíveis, assim o/a educador/a saberá o que precisará alterar ou manter no ambiente, de acordo com suas anotações.

O/a educador/a deverá saber as técnicas de apresentação do material que inclui: Isolamento do objeto, Exatidão na execução, chamar a atenção (se necessário) e impedir o uso inadequado. Além das lições em três tempos: o primeiro tempo, exatidão da palavra e associação da percepção sensorial com o nome; segundo tempo: distinção do objeto correspondente ao nome; terceiro tempo: lembrar-se do nome correspondente ao objeto. Por fim, Montessori define o trabalho da Mestra, como o de um guia, guiando a criança em seu desenvolvimento, seja ensinando o uso do material e de como se movimentar-se no espaço ou impedindo qualquer desperdício de energia que prejudique a si, o ouro ou o ambiente, restabelecendo o equilíbrio.

Em suma, a educação dos sentidos proposta por Montessori nesta obra não só enriquece o processo de aprendizagem, mas também contribui para o desenvolvimento de habilidades fundamentais que acompanham a criança ao longo de sua vida.

4.2. O ambiente no livro analisado

Em vista dos recortes apresentados nos quadros (ver apêndice) a palavra “Ambiente” foi citada 73 vezes durante o livro. Para Montessori, o ambiente é: preparado, educacionalmente projetado, adequado, educativo, para exercitar o tato e sempre tendo o papel de educador principal na relação entre educador/a e criança. Desse modo, o ambiente para a autora é um “conjunto total daquelas coisas que a criança pode escolher livremente e manusear à saciedade, de acordo com suas tendências e impulsos de atividade” (DCC3PG67-68P4). Ou seja, o ambiente está entre a criança e o/a educador/a, é principalmente por meio do ambiente que o/a educador/a irá conversar com a criança.

Sobre a afirmação da “livre escolha do material”, vale fazer algumas considerações para não parecer um ambiente de libertinagem. A ideia que Montessori traz sobre a “livre escolha do material” está atrelada ao conceito de liberdade que a criança tem dentro do ambiente preparado. Montessori é muito assertiva sobre o conceito de liberdade e deixa muito claro nesta obra que a criança é livre tendo o coletivo como limite, então manusear e escolher as coisas, os materiais e a movimentação livre dentro do ambiente, requer anteriormente, uma orientação do/a educador/a. Então, inicialmente o/a educador/a é muito ativo/a no ambiente, pois ele/ela precisa ensinar tudo para a criança, desde como usar o material, caminhar no ambiente até como conversar com seus pares. Portanto, a independência no ambiente ela é progressiva, logo a liberdade de escolha também.

Para chegar na escolha livre do material, o/a educador/a deve seguir e conhecer a série de exercícios que deverão ser apresentados sucessivamente à criança. Essas apresentações seguem cinco graus de apresentação, sendo eles: 1º grau: Exercícios de vida prática como deslocar as cadeiras em silêncio, transportar objetos, caminhar na ponta dos pés; os quadros de abotoar, zíperes, cadarços e velcro; Encaixes Sensoriais: Os encaixes sólidos (cilindros). Para esses encaixes existe uma progressão de apresentação, sendo quatro tipos de encaixes, seguindo a ordem do mais fácil para o mais difícil - 1) encaixes da mesma altura e diâmetro decrescente, 2) encaixes decrescentes em todas as dimensões, 3) encaixes decrescentes em diâmetro e crescente em altura e 4) encaixes decrescentes somente na altura. 2º grau: Exercícios de vida prática como: levantar-se e sentar-se em silêncio, espanar, passar a água de um recipiente para o outro, caminhar sobre a linha; Exercícios sensoriais: Material para as dimensões: cubos, prismas, comprimentos; Exercícios sensoriais variados no período do enfileiramento de objetos aos pares e por contraste. 3º grau: Exercícios de vida prática como: vestir-se, trocar de roupa, lavar-se etc; Limpeza dos vários objetos do ambiente; alimentar-se servindo-se de talheres; Exercícios variados de controle de movimento, caminhando sobre a linha; Exercícios sensoriais: todos os exercícios sensoriais no período das graduações; Desenho com giz e lápis; Exercício do silêncio. 4º grau: Exercícios de vida prática como: pôr a mesa, lavar os pratos, arrumar a sala etc; Exercícios de movimento: marcha rítmica e análise dos movimentos; Alfabeto móvel e desenho; Aritmética, exercícios variados com o material de matemática. Por fim, 5º grau: Exercícios de vida prática; todos os exercícios de vida prática; cuidar de si como dentes e unhas; Leitura de palavras científicas: nomes geográficos e históricos, biológicos e geométricos etc.; Desenvolvimento de leitura: detalhamento gramaticais acompanhados de jogos; Ordens; Conhecimentos de etiquetas sociais, saudações etc.; Aquarela e desenhos. Primeiras operações aritméticas (DCC20PG323,324e325).

Essas indicações estão presentes no capítulo 21 do livro e seguem 20 fotos das crianças executando alguns exercícios, disponibilizadas pela escola Meimei do Rio de Janeiro e fotografadas por Julia Braga. Montessori realça que todas essas atividades devem ser desenvolvidas em um salão multisseriado com crianças de 3 a 6 anos, pois esta variação de idade fará com que as crianças menores, observando as maiores, se interessarão pelas atividades mais desafiadoras. Montessori preza muito por esse contato entre criança e criança, além de incentivar que crianças mais velhas, que já dominem determinado material, apresentem para as crianças mais novas. No ambiente a criança de 3 a 6 anos encontrará materiais de: vida prática, sensorial, linguagem, matemática, ciências, história, geografia e artes.

Ao longo da leitura da obra, pude compreender 5 categorias fundamentais: a) o conceito de ambiente; b) o papel do/a educador/a; c) a mobília; d) o material e e) o ambiente externo. Dividi-las em dois elementos, um principal com 3 categorias e outro secundário com 2 categorias. Para a escolha dos elementos principais, levou-se em consideração os resultados obtidos através da iniciação científica e as secundárias vieram após esta pesquisa. Para Montessori, a criança, o ambiente e o educador são fundamentais para o desenvolvimento da abordagem, principalmente o “adulto preparado”, pois será ele/ela que preparará o ambiente e conhecerá sobre o desenvolvimento infantil. Portanto, a categoria o conceito de ambiente, leva em consideração a criança, logo os elementos principais foram: O conceito de ambiente, o papel do/a educador/a e o ambiente externo.

Os elementos secundários, como o material e a mobília só vão conseguir atingir sua proposta nas mãos de um/a bom/a orientador/a, que no caso é uma pessoa adulta preparada, como chama Montessori.

O ambiente é um revelador das necessidades da criança e essa descoberta só poderá acontecer, segundo Montessori, através de um ambiente preparado onde o/a educador/a poderá utilizar-se do método de observação (proposto por Jean Itard), para aperfeiçoar seu conhecimento pela criança.

Como realça Montessori:

O método de observação há de fundamentar-se sobre uma só base: a liberdade de expressão que permite às crianças revelar-nos suas qualidades e necessidades, que permaneceriam ocultas ou reprimidas num ambiente contrário à atividade espontânea (DCC3PG51P2).

Portanto, o ambiente preparado possibilita que a criança mostre quais são suas necessidades e qualidades, que para a autora só podem ser descobertas e observadas através de um ambiente que possibilite a autonomia e atividade espontânea.

Gostaria de destacar uma frase que fez com que eu separasse as categorias em dois elementos: “O fator *ambiente* pode modificar, isto é, ajudar ou destruir, jamais criar. As origens do desenvolvimento são interiores” (DCC3PG65-66P2). Esta frase justifica a importância do ambiente na abordagem, mas não condiciona o desenvolvimento da criança a ele, pois o ambiente sendo favorável ou não, a criança irá se desenvolver. Portanto, na abordagem usa-se o ambiente como uma ferramenta de trabalho para proporcionar (ajudar) o desenvolvimento integral da criança, trazendo elementos para o desenvolvimento dos sentidos.

Logo a mobília e o material trazem vida “A Casa da Criança”, no ambiente, intencionalmente preparado a mobília é proporcional ao tamanho da criança, com materiais que ela pode acessar, como:

certos quadros que ensinam a abotoar, a dar laços, fazer nós, etc.; lavabos para as mãos; panos para limpar o pavimento; vassouras e espanadores para tirar o pó; escovas várias para limpar os sapatos ou os vestidos; objetos estes que "convidam" a agir, a realizar um verdadeiro trabalho, orientado para uma finalidade real e fácil de atingir; estender tapetes e enrolá-los depois de usados; estender a toalha sobre a mesa à hora das refeições, dobrando-a depois e colocando-a em seu devido lugar; alimentar-se polidamente, retirar pratos e talheres, lavá-los e colocá-los no respectivo armário, são trabalhos cujas dificuldades são graduadas e que exigem um desenvolvimento gradual do caráter (DCC3PG67P1).

Esses exercícios, são de vida prática, são os primeiros a serem apresentados para a criança, eles ficam disponíveis em bandejas preparados pelo/a educador/a em prateleiras de fácil acesso.

4.3. Elementos fundamentais para a preparação do ambiente

Após a leitura e análise da obra, pode-se estabelecer cinco categorias que estão relacionadas a preparação do ambiente, a seguir apresentadas: a) o conceito de ambiente; b) o papel do/a educador/a; c) a mobília; d) o material e e) o ambiente externo.

a) O conceito de ambiente

O ambiente é uma ferramenta pedagógica de trabalho do/a educador/a. Logo o ambiente não é neutro, pois apesar da Montessori deixar detalhado o que deve ter nesse ambiente, quais são os materiais, seus tamanhos, por onde o ambiente deve começar, quais são os passos que o/a educador/a deve seguir na apresentação do ambiente e material, o ambiente irá carregar a essência do/a educador/a. Portanto, o ambiente deverá ser minuciosamente preparado para o desenvolvimento dos sentidos da criança e deverá acompanhar o seu desenvolvimento se tornando cada vez mais desafiador.

b) O papel do/a educador/a

O papel do/a educador/a é tão importante quanto o ambiente preparado, pois é o/a educador/a que prepara o ambiente para a criança. Ele ou ela terá um papel de orientação da criança no ambiente que preparou, sabendo exatamente o que e como apresentar. O primeiro passo que o/a educador/a deverá orientar a criança é na disciplina ativa, ou seja, desenvolver na criança a noção de “bem e mal”, visto que a criança não poderá confundir bondade com imobilidade e maldade com atividade. Portanto, o objetivo do/a educador/a é “disciplinar a atividade, e não imobilizar a criança ou torná-la passiva” (DCC3PG58-59).

O/a educador/a terá inúmeras incumbências na educação infantil que compartilha com o ambiente, terá que ter conhecimento pleno do material, manuseá-lo constantemente, a ponto de conhecer todas as dificuldades e interesse que aquele material poderá despertar na criança. Além disso, um interesse pela ordem no ambiente; a vigilância, tomando cuidado para que nenhuma criança seja incomodada por outra criança durante o trabalho concentrado; a técnica das lições. Mas, principalmente, terá que desenvolver uma habilidade moral feita de calma, de paciência, caridade e humildade.

c) A mobília

O ambiente é preparado para a criança viver nele, como se fosse sua casa, então a mobília será proporcional a seu tamanho e tudo poderá ser tocado. Para isso ocorrer, Montessori estudou padrões de mobília que correspondessem às necessidades de agir da criança, então preparou mesas, cadeiras, poltronas, prateleiras, utensílios, enfim, tudo que uma casa precisa, porém do tamanho de crianças.

d) O material

O material é dividido entre o material físico e os exercícios de corpo e movimento. O material físico deve “ter um lugar determinado, onde será encontrado sempre que não estiver em uso” (DCC9PG158P2), sendo chamado por Montessori de “Ordem no ambiente”. Para que a criança possa escolher livremente o material é necessário que ele esteja sempre no mesmo lugar quando não estiver sendo usado por outra criança. Os materiais são únicos no espaço havendo apenas um de cada, portanto se duas crianças quiserem usar o mesmo material, o combinado é que o material pertence, naquele momento a criança que pegou primeiro e que só estará disponível para a outra criança quando estiver na prateleira. A criança não é obrigada a

dividir o material e sua maioria é de uso individual, mas também existem materiais que podem ser usados em duplas.

e) O ambiente externo

Sobre o ambiente externo, Montessori fala em dois contextos: primeiro sobre o ambiente externo de contato com a natureza, o ambiente natural e em segundo lugar o ambiente externo enquanto sociedade ou o “mundo dos adultos”, ao qual a criança está sendo preparada para viver. É no ambiente externo natural que ocorrerá a preparação para a entrada no salão, pois é através do movimento coordenado na área externa que a criança desenvolverá a coordenação motora e os sentidos, além de conhecer os outros seres vivos que vivem no jardim. Após esse contato ela será convidada e estará pronta para aperfeiçoar e refinar seu desenvolvimento motor e psíquico dentro do salão.

Já no ambiente externo enquanto sociedade sendo o “mundo dos adultos”, Montessori fala sobre a opressão que o adulto exerce sobre a criança que muitas vezes sem perceber sufoca o ser da criança que não pode, ainda, se defender. Sobre essa afirmação, vale ressaltar o contexto histórico que Montessori estava vivenciando, um contexto de guerras que oprimiu e tirou a infância de muitas crianças, mas também está querendo dizer sobre o ambiente externo adultizado.

4.4 Discussão dos resultados

Após a análise dos dados, descobrimos cinco categorias que englobam a preparação do ambiente: o conceito de ambiente, o papel do/a educador/a, a mobília, o material e o ambiente externo.

A categoria do conceito de ambiente dialoga com os estudos de Monteiro (2021), pois para a autora a atuação na Educação Infantil deve superar o espontaneísmo sendo propositivo e comprometido com o ensino omnilateral trazendo uma formação, para a criança nesse contexto, que integre a ciência e o desenvolvimento das potencialidades humanas. Assim como defendido por Montessori.

Já na categoria de pessoa adulta preparada, o artigo de Crespi, Noro e Nóbile (2018) fala sobre a necessidade dos/as educadores estarem cientes das teorias de desenvolvimento psíquico e físico da criança para poderem atuar com êxito na educação infantil. Pois, segundo os autores e a categoria da pessoa adulta preparada, a atuação na educação infantil deve superar o seu papel assistencialista e se comprometer com o desenvolvimento integral da criança no ambiente escolar.

Sobre a categoria da mobília e material, Oliveira e Oliveira (2021), trazem a abordagem de Montessori como alternativa para a superação da padronização da mobília no ambiente escolar. Os autores falam sobre o impacto que o ambiente tem sobre a criança, portanto defendem as mobílias e a preparação do ambiente proposta por Montessori, pois o mesmo pode promover qualidade de vida e aprendizagem. Uma vez que o ambiente é organizado para desenvolver a autonomia da criança.

A partir da análise da obra e em resposta à questão: *Quais os elementos a serem considerados na preparação do ambiente escolar para crianças de 3 a 6 anos?* Podemos compreender que para a preparação do ambiente são necessários três elementos principais e duas secundários.

Os três elementos principais são: a criança, o ambiente (interno e externo) e um/a educador/a preparado/a. Os dois elementos secundários são: o material e a mobília. Essa classificação foi feita, pois se o/a educador/a não estiver preparado/a, não adiantará o material, a mobília e o ambiente. Preparado/a para que? Usar o ambiente como ferramenta pedagógica e saber que terá um papel de guia para a criança.

Para a abordagem montessoriana o ambiente é a principal ferramenta de trabalho do/a educador/a, portanto ele/ela terá que saber usar esse ambiente a seu favor preparando-o cuidadosamente, na sequência correta dos materiais, usar o material corretamente, sabendo distribuir a mobília. Ou seja, é o/a educador/a que dará vida ao ambiente que auxiliará no desenvolvimento da criança.

5. CONCLUSÕES

Conclui-se que a Educação Infantil é uma etapa fundamental na formação das crianças, pois é nesse período que se estabelecem as bases para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social. Segundo Libâneo (2013), a Educação Infantil deve ser compreendida como um direito da criança e uma etapa essencial do processo educativo. Segundo o autor, a EI não deve ser vista apenas como uma preparação para o Ensino Fundamental, mas como um espaço de desenvolvimento integral, onde as crianças têm a oportunidade de explorar, brincar e aprender de maneira significativa (Libâneo, 2013).

A organização do ensino da EI, envolve diferentes dimensões do conhecimento e práticas pedagógicas que considerem as especificidades dessa faixa etária. A proposta educativa deve ser centrada na criança, respeitando seu ritmo de desenvolvimento e suas experiências prévias. Libâneo (2013), enfatiza a importância de um currículo flexível e diversificado, que contemple as áreas do conhecimento de forma integrada, permitindo que as crianças se

relacionem de forma ampla. A organização do espaço, do tempo e dos recursos didáticos é crucial para criar um ambiente que favoreça a aprendizagem e o desenvolvimento.

Após a finalização deste estudo teórico, observou-se que o tema abordado traz contribuições importantes e tem impacto na área da educação, principalmente no campo da educação infantil. Através da análise do livro “A descoberta da criança: pedagogia científica”, com um olhar voltado para o ambiente preparado, foi possível identificar a função e a complexidade deste instrumento de trabalho e a sua importância na abordagem.

De acordo com a literatura brasileira, a preparação do ambiente escolar é importante e pode influenciar o desenvolvimento da criança no contexto da primeira infância. Porém, não há um detalhamento de como esse ambiente deve ser preparado. Segundo a BNCC, documento que orienta o currículo escolar, o ambiente deve ser *propositivo e desafiador*, mas não especifica como preparar esse ambiente, apenas o que ele deve proporcionar para a criança. Portanto, apresentamos aqui uma preparação do ambiente proposta por Montessori.

Após a análise do livro, identificamos 5 categorias que devem ser consideradas na preparação do ambiente que foi dividido em dois elementos. O primeiro elemento engloba o conceito de ambiente, o ambiente (natural e externo) e o/a educador/a preparado e o segundo elemento a mobília e o material. Vale ressaltar a importância do/a educador/a nesse processo de preparação do ambiente, pois se o/a educador/a não souber usar o ambiente, a mobília e o material a seu favor ele poderá ser um impasse no desenvolvimento da abordagem e para o desenvolvimento da criança.

Por fim, o trabalho de conclusão de curso é uma etapa importante para a consolidação do conhecimento, desenvolvendo as habilidades de pesquisa, análise crítica, resolução de problemas, gerenciamento de tempo e diálogo com a orientadora. Outro ponto importante no desenvolvimento deste trabalho foi poder aprofundar o conhecimento sobre o campo da educação infantil vinculado com o ambiente escolar.

6. REFERÊNCIAS

- BARDIN, L.. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís A. Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CASTRO, A. D. de. **A trajetória histórica da Didática**. In: CANHOLATO, M. C. et al. (org.) *A Didática e a Escola de 1º Grau*. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1992 (p. 15-25)
- CRESPI, L.; NORO, D.; NÓBILE, M. **Educação Infantil no Brasil: avanços e desafios para o desenvolvimento na primeira infância**. *Interfaces da Educ.*, Paranaíba, v.9, n.25, p. 26-48, 2018.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2013.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática: velhos e novos temas**. Edição do autor, maio/ 2002 (parte 1).
- LIMA, T. C. S. de; MIOTO, R. C. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. *Rev. Katál*. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvhc8RR/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 22 /11/2024. <https://doi.org/10.1590/S1414-49802007000300004>
- MARIN, A. J. Didática geral. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. *Prograd. Caderno de Formação: formação de professores didática geral*. 2011, p. 16-32, v. 9.
- MONTEIRO, F. Y. dos S. **Educação Infantil e Pedagogia Histórico- Crítica: apontamentos sobre a educação escolar**. *Revista Kinesis*, Santa Maria, v. 39, p. 01-13, 2021.
- MONTESSORI, M. **A descoberta da criança: pedagogia científica**. Tradução Pe. Aury Maria Azélio Brunetti, Campinas SP: Kirion, 2017.
- MONTESSORI, M. **A mente da criança: mente absorvente**. Tradução Jefferson Bombachim, Campinas SP: Kèrion, 2021.
- MOREIRA, A. R. P.; SOUZA, T. N. **Ambiente pedagógico na Educação Infantil e a contribuição da psicologia**. *Psicologia Escolar e Educacional*, SP. Volume 20, Número 2, Maio/Agosto de 2016, p. 229-237.
- OLIVEIRA, A. C. P.; OLIVEIRA, M. C. F. de. **Neuroarquitetura e o Método Montessori: Impacto Do Ambiente Construído Na Educação Infantil**. *Revista Mythos*, Cataguases, MG, v. 17, n. 1, p. 75-86, 2021.
- ROUSSEAU, J. J. **Emílio, ou Da Educação**. São Paulo: Martins fontes, Tradução: Roberto Leal Ferreira, 1999.

YOUNG, M. Para que servem as escolas? **Educ. Soc**, Campinas, vol. 28, n. 101, p. 1287-1302, set. / dez. 2007. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/es/a/GshnGtmcY9NPBfsPR5HbfjG/abstract/?lang=pt>> Acesso em 17 de jan. 2025.

7. APÊNDICE

Para fazer a análise do conceito foram elaborados 21 quadros que estão separados por capítulos e apresentam quatro colunas, a primeira indicando a “codificação+unidade de contexto”, a segunda, a “Temática”, a terceira a “Categoria” e a quarta a “Quantidade” de vezes que a palavra Ambiente foi citada naquele parágrafo. Esses quadros trazem o parágrafo onde o conceito foi encontrado no livro “A Descoberta da Criança: Pedagogia Científica” (2017, 1912).

Quadro 1: A presença da palavra Ambiente: Prefácio

Cap. Prefácio			
Codificação + unidade de contexto	Temática	Categoria	Quantidade
<p>DCprefácioPG9P3 Mas talvez um dos momentos mais marcantes foi em 1913, quando ela fez sua visita triunfal aos Estados Unidos. Recebida especialmente por Alexander Graham Bell e pela Casa Branca, despertou o interesse no processo educativo que propunha. Seu encontro, em Washington, com Graham Bell, fez com que ele lhe pedisse para preparar um <i>ambiente</i> para seus filhos. Já em 1915, a grande Exposição em São Francisco, Califórnia, proporcionou a visão concreta e quase inacreditável: o de uma Casa da Criança que podia ser observada livremente, em todos os seus detalhes, graças às paredes de vidro!</p>	<p>Reconhecimento de sua abordagem pelos membros da Casa Branca</p>	<p>Conceito</p>	<p>1</p>
<p>DCprefácioPG9P4 Montessori apresentou um novo conceito em educação: o objetivo principal do professor não é ensinar, mas sim observar, conhecer a criança, descobrir seus interesses e permitir a manipulação da realidade a seu redor. Facilitando para a criança aprender sozinha, manipulando materiais preparados para satisfazer suas necessidades e possibilidades. A atividade espontânea da criança se desenvolve dentro de um</p>	<p>O papel do(a) professor(a) como observador(a) e preparador(a) do ambiente para a criança.</p>	<p>Papel do professor</p>	<p>1</p>

<p><i>ambiente</i> educacional projetado com exatidão e possuindo o que ela necessita para crescer e viver no mundo.</p>			
<p>DCprefácioPG10P4 O estudo da metodologia montessoriana nos leva a analisar uma trilogia que se impõe: à criança, o <i>ambiente</i> e o educador. Observar a criança é respeitar o seu ritmo, trazer-lhe motivos de interesse e facilitar constantemente a sua atividade. Quando analisamos esta visão da criança, percebe-se que Montessori se insere na filosofia de Aristóteles e de São Tomás de Aquino (De Magistro, q. 11, a.1, De Veritate): a criança necessita de seu corpo, de todos os seus sentidos para se relacionar com a realidade em redor, para pensar, para intelectualizar-se. E a sua vida volitiva a torna capaz de escolher.</p>	<p>A metodologia de Montessori e a trilogia ambiente, criança e educador.</p>	<p>Conceito</p>	<p>1</p>
<p>DCprefácioPG10-11P5 Criar um <i>ambiente</i> para a criança que a interesse, traga em si os valores da comunidade em que vive, que traga conforto e confiança para ela poder dizer "aqui eu posso ser eu" (como nos ensina Carl Rogers); que traga possibilidades de agir, de descobrir, de classificar, de medir, produzir e, assim, espontaneamente, crescer.</p>	<p>Criar um ambiente que traga os valores da comunidade.</p>	<p>Conceito</p>	<p>1</p>
<p>DCprefácioPG11P4 As primeiras experiências de Montessori foram com crianças entre 3 e 6 anos de idade, em um <i>ambiente</i> preparado, favorecendo a escolha e trazendo um conjunto de materiais e atividades que conduziam a criança a ser independente, a descobrir relações, interessando-se por letras, números, exercitando-se em tarefas diárias (vida prática) como abotoar, dar laços, varrer, lavar, e através de tudo que desenvolvesse seus sentidos.</p>	<p>As primeiras experiências de preparação do ambiente de Montessori foram com crianças de 3 a 6 anos.</p>	<p>Conceito</p>	<p>1</p>

Total	5
--------------	---

Fonte: Elaboração das pesquisadoras

Quadro 2: A presença da palavra Ambiente: Apresentação da edição brasileira de 1965

Apresentação da edição brasileira de 1965			
Codificação + unidade de contexto	Temática	Categoria	Quantidade
DCPG16P3 Enfim, a obra aparece em nova tradução, com fotografias bastante claras para dar a ideia exata do comportamento em face do material, ao mesmo tempo que o seu comportamento em relação ao conjunto de uma classe de aula, levando leitor a impressão desse <i>ambiente</i> preparado para a criança passa a maior parte do seu período de desenvolvimento.	Imagens para representar a criança e o material.	Material	1
DCPG16P4 Um dos nossos princípios básicos é esta "preparação do <i>ambiente</i> " que, muito antes do ingresso da criança na escola, é a chave da educação e da cultura real da pessoa humana desde o seu nascimento.	Um dos princípios básicos é a preparação do ambiente	Conceito	1
Total			2

Fonte: Elaboração das pesquisadoras

Quadro 3: A presença da palavra Ambiente: Considerações críticas

Cap. 1 Considerações críticas			
Codificação + unidade de contexto	Temática	Categoria	Quantidade
DCC1PG27P5 Mesmo que a carteira escolar fosse benéfica ao esqueleto da criança, não deixaria, entretanto, de ser contrária à higiene <i>ambiente</i> , em razão da dificuldade da sua remoção	A carteira escolar e a higiene do ambiente.	Mobília	1

para a necessária limpeza.			
Total			1

Fonte: Elaboração das pesquisadoras

Quadro 4: A presença da palavra Ambiente: Antecedentes do método

Cap. 2 Antecedentes do método			
Codificação + unidade de contexto	Temática	Categoria	Quantidade
DCC2PG48P5 O "acaso", uma vez mais, esteve aqui presente, como outras inúmeras descobertas: a eletricidade, por exemplo. Efetivamente, o acaso, isto é, o <i>ambiente</i> , deve, quase sempre, ensejar uma intuição e florescer um impulso; é o <i>ambiente</i> que revela o que é novo; a intuição e o interesse, em seguida, poderão dar novos passos no caminho do progresso.	O ambiente como revelador para o novo.	Conceito	2
DCC2PG48P6 No meu caso, a história é interessante porque, independentemente de estudos e preconceitos científicos, eu apresentava um <i>ambiente</i> complexo em que não somente a educação da criança, mas também a vida social dos homens e seus sentimentos se harmonizavam numa unidade perfeita.	educação da criança através do ambiente	Conceito	1
Total			3

Fonte: Elaboração das pesquisadoras

Quadro 5: A presença da palavra Ambiente: O ambiente

Cap. 3 O ambiente			
Codificação + unidade de contexto	Temática	Categoria	Quantidade
DCC3PG51P2	O método de observação e a	Método de observação	1

<p>O método de observação há de fundamentar-se sobre uma só base: a liberdade de expressão que permite às crianças revelar-nos suas qualidades e necessidades, que permaneceriam ocultas ou reprimidas num <i>ambiente</i> contrário à atividade espontânea.</p>	<p>liberdade de expressão da criança.</p>	<p>Papel do professor</p>	
<p>DCC3PG53P5 Eis o <i>ambiente</i> escolar</p>	<p>O ambiente.</p>	<p>Conceito</p>	<p>1</p>
<p>DCC3PG60P1 Não faltarão as que hão de continuar apáticas, adormecidas em seu lugar; e, finalmente, aquelas que querem realizar algum ato determinado, tal como puxar uma cadeira para se sentar, contemplar um quadro, etc. revelando-se crianças ainda atrasadas em seu desenvolvimento mental, e, sem dúvida, doentes tardias na formação do caráter: por outro lado, não faltarão as inteligentes, adaptadas ao <i>ambiente</i>, capazes de exprimir suas preferências, suas tendências, as possibilidades de uma atenção espontânea, os limites de sua capacidade.</p>	<p>O ambiente na formação do caráter.</p>	<p>Conceito</p>	<p>1</p>
<p>DCC3PG65-66P2 O fator <i>ambiente</i> pode modificar, isto é, ajudar ou destruir, jamais criar. As origens do desenvolvimento são interiores. A criança não cresce porque se alimenta, porque respira, porque se encontra em condições de clima favorável; cresce porque a vida exuberante dentro em si, se desenvolve; porque o germe fecundo de onde esta vida provém evolui em conformidade com o impulso do destino biológico fixado pela hereditariedade. Com efeito, o adulto continua a alimentar-se, a respirar; permanece nas mesmas condições barométricas e térmicas; mas não cresce mais. A puberdade não advém</p>	<p>O ambiente como facilitador do desenvolvimento da criança.</p>	<p>Conceito</p>	<p>1</p>

<p>porque a criança riu, ou dançou, ou fez ginástica, ou se alimentou mais ou menos, mas porque existe este fenômeno fisiológico. A vida se manifesta, a vida cria, a vida floresce: e ela se mantém dentro de limites e de leis irreprimíveis.</p>			
<p>DCC3PG66-67P3 Esta concepção implica, da parte do adulto, maiores cuidados e uma observação mais aguda de suas verdadeiras necessidades. Em primeiro lugar, pense-se em criar um <i>ambiente</i> adequado, onde a criança possa agir tendo em vista uma série de interessantes objetivos, canalizando, assim, dentro da ordem, sua irreprimível atividade, para o próprio aperfeiçoamento. Ora, seu tipo de inteligência é diferente do nosso. Poderíamos dizer que nós nos bastamos com o auxílio de nossa inteligência; ela, porém, somente vivendo é que poderá aprender a falar a língua de seus país. É um verdadeiro químico mental. Nós nos lembramos das impressões gravadas em nosso espírito: formam-no, encarnam-se nele. A criança vai, assim, pouco a pouco, formando a sua própria "massa encefálica", servindo-se de tudo o que a rodeia. Esta forma de espírito é comumente denominada "espírito absorvente". É difícil de se imaginar o poder de absorção do espírito da criança. Tudo o que a rodeia penetra nela: costumes, hábitos, religião. Ela aprende um idioma com todas as perfeições ou deficiências que encontra em redor de si, sem mesmo ir à escola.</p>	<p>O ambiente adequado para agir.</p>	<p>Conceito</p>	<p>1</p>
<p>DCC3PG67P1 No <i>ambiente</i> acima descrito, alegre e mobiliado proporcionalmente à criança, os objetos estavam dispostos</p>	<p>Ambiente mobiliado que convida a criança para agir</p>	<p>Material e mobília</p>	<p>1</p>

<p>de modo a permitir-lhe atingir um fim determinado; por exemplo: certos quadros que ensinam a abotoar, a dar laços, fazer nós, etc.; lavabos para as mãos; panos para limpar o pavimento; vassouras e espanadores para tirar o pó; escovas várias para limpar os sapatos ou os vestidos: objetos estes que "convidam" a agir, a realizar um verdadeiro trabalho, orientado para uma finalidade real e fácil de atingir; estender tapetes e enrolá-los depois de usados; estender a toalha sobre a mesa à hora das refeições, dobrando-a depois e colocando-a em seu devido lugar; alimentar-se polidamente, retirar pratos e talheres, lavá-los e colocá-los no respectivo armário, são trabalhos cujas dificuldades são graduadas e que exigem um desenvolvimento gradual do caráter; é necessário ter paciência ao executá-los e assumir uma responsabilidade para poder levá-los a bom termo.</p>			
<p>DCC3PG67-68P4 Quando falamos de <i>'ambiente'</i>, referimo-nos ao conjunto total daquelas coisas que a criança pode escolher livremente e manusear à saciedade, de acordo com suas tendências e impulsos de atividade. A mestra nada mais deverá fazer que ajudá-la, no início, a orientar-se entre tantas coisas diversas e compenetrar-se do seu uso específico: deverá iniciá-la à vida ordenada e ativa no seu próprio <i>ambiente</i>, deixando-a, em seguida, livre na escolha e execução do trabalho. Geralmente, as crianças têm preferências díspares: uma se ocupa com isto enquanto outra se distrai com aquilo, sem que ocorram desavenças. Assim, decorre uma vida social admirável e cheia de enérgica atividade,</p>	<p>O ambiente como o conjunto de todas as coisas que auxiliarão a criança em seu desenvolvimento individual.</p>	<p>Conceito e papel do professor</p>	<p>3</p>

em meio a uma reconfortante alegria; as crianças resolvem por si mesmas os problemas da "vida social" que a atividade individual livre e pluriforme suscita a cada passo. Uma força educativa difunde-se por todo este <i>ambiente</i> , e dele participam todas as pessoas, crianças e mestras.			
Total			9

Fonte: Elaboração das pesquisadoras

Quadro 6: A presença da palavra Ambiente: A saúde

Cap. 4 A saúde			
Codificação + unidade de contexto	Temática	Categoria	Quantidade
DCC4PG69-70P1 <i>Mens sana in corpore sano.</i> Este famoso ditado latino é, em geral, interpretado em seu sentido literal, ou seja: é necessário ter um corpo sadio para possuir um espírito sadio. Poder-se-ia afirmar o contrário. Com efeito, a saúde do corpo depende da do espírito; pensemos na calma interior, na satisfação moral, na clareza de ideias que permitem aspirar a objetivos exteriores com elevação espiritual muito mais alta. "Não só de pão vive o homem". E ante as pobres criancinhas que enchiam as primeiras Case dei Bambini de San Lorenzo, meu primeiro pensamento foi procurar-lhes fortificantes e uma alimentação substancial. Durante um ano, porém, foi impossível realizar este plano. Não obstante, as crianças viveram em tal <i>ambiente</i> de alegria, que, no fim de um ano, suas faces estavam coradas e belas, cheias de saúde; via-se no brilho de seus olhos a exuberância de uma	o ambiente preparado como alimento para a alma e fortificador da saúde. Um ambiente que proporciona uma união entre mente e corpo, tornando-o sadio.	ambiente externo	2

<p>vida melhor. A satisfação da vida interior, a possibilidade de se expandir é, sem dúvida, um fator importante, até mesmo o segredo da saúde física. O espírito sadio torna o corpo sadio; isto é, o corpo, para ter saúde, deve permanecer unido a um espírito normal e lúcido. A saúde é todo um complexo: uma doença, uma fraqueza física, que depende de fatores psíquicos, provoca multidão de fenômenos encontrados não somente em adultos, mas muito mais ainda em crianças. A dificuldade que estas experimentam em se adaptar a um <i>ambiente</i> criado pelo adulto; a opressão que, tão frequentemente, o adulto exerce sobre elas sem mesmo dar-se conta disso, oprimem a alma infantil, que não pode defender-se nem com palavras nem com atos: tudo isso enfraquece, ao mesmo tempo, o corpo e o caráter da criança. Fazer com que se "sintam compreendidas", assistidas satisfatoriamente em suas reais necessidades, é abrir-lhes as portas da saúde.</p>			
<p>DCC4PG71P1 Urge, pois, construir um <i>ambiente</i> que comporte as melhores condições de higiene possíveis. No que diz respeito à sua vida vegetativa, convém proporcionar às crianças todos os elementos imprescindíveis ao desenvolvimento de sua saúde física; é necessário dar-lhes a merenda escolar e favorecer-lhes, o mais possível, uma vida ao ar livre: tudo isto é axiomático para uma educação consciente do valor da personalidade da criança.</p>	<p>Preparação do ambiente para desenvolvimento da saúde física: higiene pessoal e alimentação.</p>	<p>ambiente externo e material</p>	<p>1</p>
<p>Total</p>			<p>3</p>

Fonte: Elaboração das pesquisadoras

Quadro 7: A presença da palavra Ambiente: A natureza na educação

Cap. 5 - A natureza na educação			
Codificação + unidade de contexto	Temática	Categoria	Quantidade
DCC5PG77-78P5 A criança das cidades logo se sente cansada após uma breve caminhada; e concluímos: está fraca. Mas tal debilidade provém do <i>ambiente</i> artificial em que vive, do enjoo, dos vestidos e roupas inadequadas, do incômodo de ter os pés fechados dentro de sapatos de couro a sopesar os calçamentos, da vizinhança taciturna e séria de tantas pessoas que se acotovelam pelas ruas, indiferentes, e que sem sorrir, passam por ela que está tão feliz. As atrações das vitrinas e dos vestidos da última moda, as diversões de um clube, são coisas para ela sem expressão. Por isso, deixa-se levar, indiferente, como que dominada por uma profunda indolência.	As crianças tristes de ambientes artificiais	Ambiente externo	1
DCC5PG79P2 O amor à natureza, como qualquer outro hábito, cresce e se aperfeiçoa com o exercício; não é, com certeza, infundido automaticamente, mediante uma exortação pedante feita à criança inerte e presa entre quatro paredes, habituada a ver ou ouvir que a crueldade para com os animais é uma necessidade. São as experiências que as impressionam mais: a morte da primeira pomba abatida ante seus olhos por uma pessoa de sua família é mancha negra no coração de quase todas as crianças. Devemos-lhes antes uma reparação que uma lição. Cumpre-nos curar essas feridas inconscientes, essas enfermidades morais já incubadas no íntimo desses pequenos prisioneiros de um <i>ambiente</i> artificial.	O amor a natureza é ensinado	ambiente externo	1

<p>DCC5PG80-81P5 O preconceito do jardim - Apesar de viver em meio à natureza, somos influenciados por preconceitos que dificultam o reconhecimento da verdade. É demasiado simbólica a ideia que temos das flores; e mais nos empenhamos em acomodar a atividade das crianças às nossas ideias do que em acompanhar os pequenos a fim de podermos interpretar melhor os seus verdadeiros gostos e necessidades. Eis porque, dentro mesmo do <i>ambiente</i> de uma jardinagem, a criança vê-se envolvida em atividades artificialmente estabelecidas pelo adulto. A ação de enterrar uma semente e aguardar o desabrochamento da planta é um trabalho muito breve e uma espera muito longa para as crianças. Elas preferem realizar trabalhos de maior vulto e estabelecer um resultado direto entre sua atividade e os produtos da natureza</p>	<p>O jardim como ambiente de trabalho</p>	<p>Ambiente externo</p>	<p>1</p>
<p>DCC5PG83P1 Os cuidados com as estufas, a preparação da água para as plantas aquáticas, a acomodação de redinhas que impedem o acesso de insetos à água, e outras tarefas congêneres, são trabalhos talvez difíceis de realizar em meio a um <i>ambiente</i> desfavorável, mas aos quais jamais se esquivarão as forças e a vontade da criança.</p>	<p>Os cuidados as estufas</p>	<p>Ambiente externo</p>	<p>1</p>
<p>DCC5PG83P2 Nosso jardim, outra conclusão a que chegamos mediante uma organização de <i>ambientes</i> em que a criança pudesse manifestar livremente suas necessidades, foi a de "limitar" o campo ou o jardim às suas necessidades espirituais. Contudo, a opinião geral parece ser favorável a um "espaço limitado" para as crianças. Neste caso, a criança</p>	<p>Os limites no jardim</p>	<p>Ambiente externo</p>	<p>1</p>

<p>seria considerada, antes de tudo, em sua realidade física; os limites dependeriam tão somente da agilidade e resistência de suas pernas. No entanto, mesmo que se tome a "agilidade das pernas da criança" como limite do seu campo de atividades, mesmo assim, se quisermos determinar com alguma exatidão esse limite, ver-se-á positivamente que ele é muito mais restrito do que imaginamos. Mesmo em meio a um campo imenso, as crianças correrão sempre por certo lugar, em certo ângulo, num mesmo espaço restrito. Todos os seres vivos tendem a localizar-se e impor-se certos limites.</p>			
Total			5

Fonte: Elaboração das pesquisadoras

Quadro 8: A presença da palavra Ambiente: O homem vermelho e o homem branco

Cap. 6 - O homem vermelho e o homem branco			
Codificação + unidade de contexto	Temática	Categoria	Quantidade
<p>DCC6PG86P2 Ao homem vermelho pertence à vida vegetativa: esta compreende os sistemas que servem para recolher do seu <i>ambiente</i> as matérias necessárias à renovação: alimentos e oxigênio, e os órgãos destinados a expelir os detritos. Por seu lado, ao homem branco pertencem os órgãos dos sentidos, que servem para recolher do seu meio as sensações, bem como o imenso sistema muscular destinado à atividade motriz. Embora estes dois "homens" sejam distintos um do outro e nitidamente separados em suas funções (um está em contato direto com a matéria orgânica e o outro com o espírito),</p>	<p>O homem vermelho (alimentos, oxigênio) e o homem branco (órgãos dos sentidos; atividade motriz)</p>	<p>Conceito</p>	<p>1</p>

<p>estão, contudo, tão estreitamente entrelaçados e vivem em tal reciprocidade de relações íntimas que uma parte não poderia funcionar sem a outra: o coração pulsa e expelle o sangue porque é cheio de nervos; os centros nervosos e os próprios nervos reagem porque são regados com sangue.</p>			
<p>DCC6PG91-92P1 Seria interessante estabelecer um paralelo entre os exercícios musculares que as crianças comumente realizam durante as horas destinadas à educação física e o exercício muscular exigido pelos diversos "exercícios da vida prática", espontaneamente escolhidos e executados por elas. Com relação a estes últimos, logo se verá que se trata de uma verdadeira ginástica em que se exercitam todos os músculos, em todas as partes do corpo, no próprio <i>ambiente</i> em que vive a criança. Entretanto, há certa diferença entre esses exercícios da vida prática e os comumente praticados na ginástica: os exercícios da vida prática têm, todos eles, um objetivo atraente, um certo quê de novidade, numa fase da vida em que os músculos estão se formando e coordenando em seus movimentos. Esta particularidade não somente explica o sucesso desses exercícios entre crianças, como também vem revelar muito de seu valor formativo. Graças a eles, as crianças vão, aos poucos, obtendo uma coordenação dos músculos entre si, ao mesmo tempo que são auxiliadas a criar, por sua vez, essa mesma coordenação, sob a orientação e o império da inteligência. Enrolar um tapete, escovar sapatos, lavar uma pequena bacia ou o chão, pôr a mesa, abrir e fechar gavetas, portas e janelas, pôr um quarto em ordem, arrumar</p>	<p>As atividades de vida prática e o desenvolvimento motor da criança.</p>	<p>Material e conceito</p>	<p>2</p>

<p>as cadeiras, puxar uma cortina, transportar um móvel, etc., são exercícios que põem o corpo todo em movimento, movimentos que se exercitam e aperfeiçoam sempre mais. A criança aprende assim a mover os braços e as mãos, e fortalece seus músculos bem mais que nos rotineiros exercícios de ginástica. Todavia, os exercícios da vida prática não devem ser considerados apenas uma simples ginástica muscular: eles constituem um "trabalho". É o trabalho dos músculos que se ativam sem cansar-se, porque o interesse e a variedade reanimam-nos a cada movimento. É o exercício natural do homem que, quando se move, deveria ter sempre um objetivo a atingir: os músculos deveriam servir à inteligência e integrar-se, assim, na unidade funcional da personalidade humana. Se o homem é simultaneamente inteligente e muscularmente ativo, seu repouso consistirá na atividade inteligente, assim como o repouso de qualquer ser reside no exercício normal das suas próprias funções. Urge, pois, oferecer à criança, no <i>ambiente</i> que a envolve, "meios" para exercitar sua atividade, lembrando-nos de que a Casa dei Bambini recebe crianças de várias idades que vivem juntas como irmãos numa família e necessitam de ocupações diversas.</p>			
<p>DCC6PG92P1 Os objetivos que servem para a vida prática não têm uma determinação científica: são aqueles mesmo objetos usados no <i>ambiente</i> em que a criança vive, e que vê usarem na própria casa paterna, porém, construídos particularmente para elas, em proporções adequadas ao seu tamanho. Sua quantidade não é fixada pelo método. Depende, antes, das possibilidades da escola e,</p>	<p>A preparação do material de vida prática será orientada pelo tempo que as crianças ficam na escola.</p>	<p>Material e conceito</p>	<p>1</p>

<p>sobretudo, da duração do tempo em que a criança aí fica durante o dia. Se a escola possuir um jardim anexo, serão também programadas, entre as ocupações da vida prática, o cuidado dos canteiros, o cultivo das plantas ou a colheita de frutas que forem amadurecendo, etc. Se o horário for longo, deverá integrá-lo, igualmente, o preparativo para o almoço, ocupação esta que leva as crianças a praticarem exercícios dos mais difíceis e interessantes: pôr a mesa, servir os alimentos, alimentar-se polidamente, lavar pratos e copos, distribuir os guardanapos e guardá-los depois em seus lugares, etc.</p>			
<p>DCC6PG93P1 Se a classe não estiver arrumada, será necessário fazê-lo. É preciso jogar fora as flores que começarem a murchar e trocar a água dos vasos. Igualmente, deverão espanar e limpar muito bem a imagem do Menino Jesus. Espanadores diferentes de penas multicores, pendem dos ganchos; escolhem-se os melhores instrumentos e dá-se início à limpeza. Se uma mesa está manchada, será preciso esfregá-la com escova e sabão. Em seguida, será preciso enxugar as gotas de água que tiverem caído no chão. Se ficarem migalhas de pão ou alguma folha seca no soalho, a vassourinha está ali bem perto, leve e fácil de manejar, colorida, com o cabo pintado ou envernizado, brilhando de limpo." E pode existir coisa mais graciosa do que aquelas pazinhas para o lixo? Tais ocupações deverão ser empreendidas a qualquer hora e ocasião; para elas não se prescreverá horário nenhum, nem se indagará se é manhã ou tarde. A criança contempla e observa com atenção incessante o <i>ambiente</i> da sua</p>	<p>Ordem no ambiente</p>	<p>Material</p>	<p>1</p>

<p>Casa; se alguma cadeira estiver fora do lugar, aparentando algum aspecto de desordem, estejamos certos de que até mesmo os menorzinhos se darão conta disso: antes da idade dos três anos, o desejo de pôr tudo em ordem e em seu lugar constitui o trabalho mais elevado e nobilitante, e, conseqüentemente, é o que mais convida e impulsiona à ação</p>			
<p>DCC6PG94-95P1 Os talentos - Seria erro querer aquilatar, antes de tê-la experimentado, a capacidade das crianças segundo a sua idade; igualmente, excluir algumas sob o pretexto de que não seriam capazes de nenhuma colaboração. A mestra deve sempre abrir os caminhos; jamais desencorajar, recusando confiança às crianças. Por menorzinhas que sejam, as crianças desejarão sempre ajudar e, não raro, com ainda mais entusiasmo que os mais velhos. A mestra autêntica há de ver que contribuição poderá ser dada pelo menor de todos. O pequerrucho de dois anos e meio poderia levar o pão, enquanto que o de quatro anos e meio levará a tigela com sopa quente. As crianças preocupam-se pouco com a importância da tarefa. Sentem-se satisfeitas quando dão o máximo de que são capazes e não se vêem excluídas das possibilidades de exercitarem-se que o <i>ambiente</i> lhes oferece. A tarefa mais admirada será aquela que tiver exigido de cada uma o máximo possível. Sentem-se como que invadidas por uma espécie de ambição interior que as impulsiona a frutificar plenamente os "talentos" que Deus lhes conferiu, analogamente aos personagens da parábola do Evangelho; e quando o conseguem,</p>	<p>Todas as crianças são capazes de colaborar em uma atividade coletiva.</p>	<p>Material e mobília</p>	<p>1</p>

<p>despertam o interesse de não poucos admiradores. Convidadas a um banquete, as crianças não pensam somente em satisfazer-se; aproveitam essa ocasião de exercitar as forças interiores e seus nobres sentimentos (esperar os colegas, rezar as orações, etc.). Não perdem tempo e sabem aproveitar as ocasiões favoráveis. Aquele minúsculo garçom, com avental branco, imóvel e atento junto à mesa sobre a qual acabou de estender uma toalha branca, calcula o número dos convidados e a melhor disposição dos pratos. Aquela risonha garotinha que enche, com sábia lentidão, os copos de água, controla seus bracinhos a fim de que a jarra não toque a borda dos copos nem caiam gotas d'água sobre a toalha. Contentes e desenvoltas, chegam as copeiras, cada uma trazendo uma pilha de pratos, preparando mesa por mesa. A alegria que sentem facilita o seu trabalho, embalando-as em ritmo de música.</p>			
<p>DCC6PG105P4e5 Os materiais de desenvolvimento sensorial, estabelecidos em nossas escolas mediante a pesquisas experimentais, fazem parte do <i>ambiente</i>.</p>	<p>Materiais para desenvolvimento sensorial</p>	<p>Material</p>	<p>1</p>
<p>DCC6PG107P4e5 Obstáculo será toda a coisa externa, toda a atividade exterior tendente a desviar aquele frágil e oculto impulso vital que, embora inconsciente, guia a criança. Eis porque até mesmo a mestra poderá tornar-se o principal obstáculo, visto ser a sua atividade mais enérgica e mais consciente que a das crianças. Num <i>ambiente</i> em que os estímulos sensoriais acham-se expostos à livre escolha da criança, a mestra –</p>	<p>Os obstáculos ao desenvolvimento da criança são externos.</p>	<p>Papel do professor</p>	<p>1</p>

após ter-lhe inicialmente mostrado os objetos e ensinado seu manuseio - há de procurar afastar-se prudentemente.			
Total			8

Fonte: Elaboração das pesquisadoras

Quadro 9: A presença da palavra Ambiente: Generalidades sobre a educação sensorial

Cap. 7 - Generalidades sobre a educação sensorial			
Codificação + unidade de contexto	Temática	Categoria	Quantidade
DCC7PG109P2 A educação geral propõe-se, com efeito, um objetivo biológico e uma finalidade social: trata-se de auxiliar o desenvolvimento natural do indivíduo e prepará-lo para o seu <i>ambiente</i> . A educação profissional ensina o indivíduo a utilizar esse <i>ambiente</i> . O desenvolvimento dos sentidos precede o das atividades superiores intelectuais, e a criança, dos 3 aos 6 anos de idade, acha-se num período de formação.	A educação dos sentidos	Conceito	2
DCC7PG110P2 O período de vida que vai dos 3 aos 6 anos de idade é um período de rápido crescimento físico, ao mesmo tempo que de formação das atividades psíquicas e sensoriais. Nesta idade, a criança desenvolve seus sentidos: sua atenção, em decorrência, vê-se atraída para a observação do <i>ambiente</i> .	O período de desenvolvimento dos 3 aos 6 anos é um período de formação das atividades psíquicas e sensoriais, além do desenvolvimento físico rápido.	Conceito	1
DCC7PG110P6 Mas, a parte da educação concernente à adaptação do indivíduo ao meio é também atingida indiretamente. Preparamos, assim, a infância da humanidade dos nossos dias. Os homens da presente civilização são eminentemente observadores do <i>ambiente</i> ; eis	Preparação da infância da humanidade.	Conceito	1

<p>porque urge utilizar, ao máximo, todas as suas riquezas.</p>			
<p>DCC7PG112-113P4 A educação sensorial torna-se mais difícil na pessoa adulta, como seria a de um adulto que quisesse aprender a tocar piano. É, pois, indispensável iniciar a educação dos sentidos no período de formação se quisermos, em seguida, aperfeiçoar esses sentidos e torná-los úteis e aptos a todas as modalidades de cultura. A educação sensorial deve, pois, ser começada com método desde a tenra idade, e continuada, depois, durante o período da instrução, que preparará o indivíduo à vida prática em seu <i>ambiente</i>.</p>	<p>A educação sensorial deve ser na primeira infância.</p>	<p>Conceito</p>	<p>1</p>
<p>DCC7PG113P1 A não ser assim, isolamos o homem de seu meio. Efetivamente, quando cremos completar a tarefa de educação mediante uma cultura intelectual, formamos pensadores aptos a viver fora do mundo das realidades. E quando desejamos atender, mediante a educação, ao lado prático da vida, negligenciamos a parte fundamental da educação prática: aquela que põe o homem em comunicação direta com o mundo exterior. Quase sempre o trabalho profissional prepara o homem para servir-se de seu <i>ambiente</i>, posteriormente, ser-lhe-á necessário suprir esta deficiência da educação recomeçando, quando sua educação já estiver terminada, a exercitar seus sentidos.</p>	<p>Educação dos sentidos</p>	<p>Conceito</p>	<p>1</p>
<p>DCC7PG113P2 A educação sensorial é igualmente necessária como base para a educação estética e a educação moral. Multiplicando as sensações e desenvolvendo a capacidade de apreciar as mínimas</p>	<p>A educação sensorial como base para a educação estética e moral.</p>	<p>Conceito</p>	<p>1</p>

<p>quantidades diferenciais entre os vários estímulos, afina-se mais e mais a sensibilidade. A beleza reside na harmonia, não nos contrastes; e a harmonia é afinidade, e, para percebê-la, é necessária certa finura sensorial. As harmonias estéticas da natureza e da arte não são percebidas pelos homens de sentidos grosseiros. O mundo torna-se-lhes estreito e áspero. No <i>ambiente</i> em que vivemos existem fontes inexauríveis de fruição estética ante as quais os homens passam como insensatos ou como irracionais, procurando prazer nas sensações fortes porque só estas lhes são acessíveis.</p>			
<p>DCC7PG115P5 O pequeno, por natureza um apaixonado explorador do seu <i>ambiente</i>, pelo fato de ainda não ter tido o tempo suficiente, e nem os meios, de adquirir um conhecimento exato do mesmo, frequentemente "fecha os olhos" ou os venda para subtrair-se à ofuscação da luz, quando se põe a examinar as formas com as mãos; ou, então, com muito gosto, recolhe-se a um lugar escuro para poder perceber melhor os ruídos mais sutis.</p>	A criança como exploradora do ambiente.	Conceito	1
<p>DCC7PG116subtítulo Qualidades fundamentais comuns a tudo o que está em torno da criança no <i>ambiente</i> educativo</p>	o ambiente educativo	Conceito	1
<p>DCC7PG116P5 Tudo, em seu <i>ambiente</i>, e não somente os objetos destinados à educação sensorial e à cultura, é feito e organizado de modo a facilitar esse controle. Os objetos, desde a mobília até o material de desenvolvimento, são todos uns denunciadores, sendo impossível fugir às acusações de suas vozes vigilantes.</p>	Organização do ambiente.	Mobília e material	1

<p>DCC7PG116P6</p> <p>As cores claras e a iluminação denunciam as manchas (ver foto nº 4); a leveza dos móveis revela os gestos bruscos e ainda imperfeitos que os deixam cair ou os arrastam ruidosamente. O <i>ambiente</i> todo comporta-se como um educador severo, uma sentinela em alerta; e cada uma das crianças é sensível a essa vigilância.</p>	<p>Cores e disposição dos móveis.</p>	<p>Mobília</p>	<p>1</p>
<p>DCC7PG118P1</p> <p>5") Os limites - Finalmente, outro princípio comum a todos os "meios materiais" construídos para a educação: o material deve ser "limitado" em quantidade. Princípio esse do mais alto interesse pedagógico e até o presente bem pouco compreendido. Uma vez constatada, a realidade deste princípio será percebida muito claramente pela nossa inteligência: a criança não necessita de "estímulos que a despertem" ou a "coloquem em relação com o <i>ambiente</i> real". Ela está sempre desperta, e suas relações com o <i>ambiente</i> são inúmeras e contínuas. Necessita, ao invés disso, pôr ordem no caos formado em sua consciência pela multidão de sensações que o mundo lhe trouxe. Ela não é um "ausente da vida", como as outras crianças com necessidades especiais; antes, é um "explorador ousado de um mundo em que tudo é novidade", e como explorador, o que mais necessita é de um caminho; isto é, algo limitado e direto, que a conduza ao seu fim e a salve dos fatigantes desvios que a estorvam em seu avanço. "agarra-se, então, apaixonadamente" a esses objetos, limitados e diretos, que põem ordem em seu caos interior, e, ao mesmo tempo, trazem clarividência a seu espírito de explorador.</p>	<p>Os materiais no ambiente e seus limites de uso.</p>	<p>Material</p>	<p>2</p>

Total	14
--------------	----

Fonte: Elaboração das pesquisadoras

Quadro 10: A presença da palavra Ambiente: Os exercícios

Cap. 8 - Os exercícios			
Codificação + unidade de contexto	Temática	Categoria	Quantidade
DCC8PG127P2 Tal limitação se faz necessária, em vista das exigências da vida prática. Trata-se também de uma necessidade educativa, pelo fato de preparar o homem para a vida no <i>ambiente</i> em que deverá exercitar incessantemente o sentido do tato principal pelas pontas do dedo.	O ambiente para o exercício tátil.	Conceito	1
DCC8PG130-131P7 Neste caso, não é somente uma impressão do movimento realizado que se fixa na memória, mas também o "conhecimento" de um objeto externo. Este conhecimento pode completar o conhecimento visual e lhes aportar uma exatidão mais completa, sobretudo quando se trata de pequeninos que parece conhecerem mais seguramente e mais facilmente as coisas quando as tocam com as mãos. Esta observação é patenteada pela própria natureza das crianças em tenra idade. Com efeito, "elas pegam em tudo", adquirindo uma dupla imagem (visual e muscular) dos diversos e inúmeros objetos que encontram em seu <i>ambiente</i> .	Memória visual e muscular.	Conceito	1
DCC8PG134P3 Posteriormente, surgiu a ideia mais simples de deixar ao <i>ambiente</i> uma grande parte nesta tarefa educativa.	Ambiente educativo	Conceito	1
DCC8PG134P6	Olfato para explorar o	Material	1

Quando a atenção é cuidadosamente solicitada pelos diversos estímulos sensoriais, o olfato também se torna mais “inteligentemente” exercitando; torna-se um órgão de exploração do <i>ambiente</i> .	ambiente		
DCC8PG135P1 Despertando o interesse pelos sabores e suas limitações tão claras, a grande variedade do mundo dos odores se distinguirá mais claramente nas sensações mistas olfativas-gustativas que se experimentam no leite, no pão fresco, no pão torrado, nos caldos das frutas, etc. E as sensações táteis da língua, tais como as das substâncias pegajosas, oleosas, etc., se distinguem das sensações "gustativas e olfativas" por um trabalho de inteligência que constitui uma verdadeira exploração de si mesmo e do <i>ambiente</i> .	Exploração do ambiente pelos sentidos olfativos-gustativos.	Material	1
Total			5

Fonte: Elaboração das pesquisadoras

Quadro 11: A presença da palavra Ambiente: A mestra

Cap. 9 - A mestra			
Codificação + unidade de contexto	Temática	Categoria	Quantidade
DCC9PG155P3 A educação é compartilhada pela mestra e pelo <i>ambiente</i> . A antiga mestra "instrutora" é substituída por todo um conjunto muito mais complexo; isto é, muitos objetos (os meios de desenvolvimento) coexistem com a mestra e cooperam para a educação da criança.	O ambiente como educador	Papel do professor	1
DCC9PG158P1 Cuidado pela ordem - A mestra, além de colocar a	A mestra e a ordem do ambiente	Papel do professor	1

<p>criança em contato com o material, deverá também interessá-la pela ordem do <i>ambiente</i> que a envolve. Eis a regra sobre que se baseia uma "organização exterior de disciplina" muito simples, mas suficiente para garantir um trabalho tranquilo.</p>			
<p>DCC9PG171P7 É o conhecimento das formas apresentadas nos encaixes planos que será para ela uma espécie de chave mágica para a interpretação de todo o <i>ambiente</i> exterior e que poderá oferecer-lhe a reconfortante ilusão de conhecer os segredos do mundo.</p>	<p>Os encaixes planos e o ambiente externo</p>	<p>Material</p>	<p>1</p>
<p>DCC9PG173 Eis o que devemos esperar das crianças normais: uma espontânea pesquisa do <i>ambiente</i> exterior, ou, como costume dizer, uma exploração voluntária do <i>ambiente</i>. As crianças encontram uma alegria a cada nova descoberta: desenvolve-se em seu íntimo um sentimento de dignidade e de satisfação que as encoraja indefinidamente a procurar, ao redor de si, sensações novas, o que as torna espontaneamente observadoras.</p>	<p>Exploração do ambiente</p>	<p>Conceito</p>	<p>2</p>
<p>DCC9PG174P1 Assim, uma criança que se exercitava em encher, com lápis de cor, figuras lineares, pegou um lápis vermelho para colorir uma árvore; a mestra quis intervir: "Parece-lhe que as árvores são de cor vermelha?". Eu a impedi e deixei que a criança colorisse sua árvore de vermelho. Esse desenho tinha, para nós, o seu valor. Revelava que o <i>ambiente</i> não tinha sido observado com exatidão. Mas, a mesma criança prosseguia, em classe, os exercícios do senso cromático. Como ia ao jardim com suas colegas, podia observar a cor dos</p>	<p>O tempo da criança</p>	<p>Ambiente externo</p>	<p>1</p>

troncos das árvores; e o exercício sensorial, tendo despertado sua atenção sobre as cores de seu meio, favoreceu-lhe a oportunidade de perceber que o tronco das árvores não era vermelho. Muniu-se logo depois de um lápis marrom para colorir o tronco; desenhou depois os ramos e as folhas em verde. Finalmente, coloriu os ramos em marrom, usando a cor verde unicamente para as folhas.			
Total			6

Fonte: Elaboração das pesquisadoras

Quadro 12: A presença da palavra Ambiente: A pedra de toque

Cap. 10 - A pedra de toque			
Codificação + unidade de contexto	Temática	Categoria	Quantidade
DCC10PG177P1 Ficamos muitas vezes estupefatos por ver crianças não somente observando espontaneamente o seu <i>ambiente</i> , percebendo coisas que antes não distinguiam, como também fazendo comparações com aquelas outras guardadas na memória. Alguns de seus raciocínios revelam um acúmulo de observações, uma espécie de "pedra de toque" que nós não possuímos. Elas confrontam as coisas exteriores com as imagens que estão fixadas em seu espírito, externando apreciações de surpreendente exatidão. Em Barcelona, certo dia, um operário entrou numa classe, trazendo um vidro para pôr na janela. Uma criança de cinco anos exclamou: "Esse vidro não serve; é muito pequeno". Foi somente experimentando-o que o operário verificou que,	Observação das crianças ao ambiente	Conceito	1

realmente, houvera engano de um centímetro na medida.			
Total			1

Fonte: Elaboração das pesquisadoras

Quadro 13: A presença da palavra Ambiente: Paralelo entre a educação de crianças normais e crianças com dificuldades especiais

Cap. 11 - Paralelo entre a educação de crianças normais e crianças com dificuldades especiais			
Codificação + unidade de contexto	Temática	Categoria	Quantidade
DCC11PG186P8 Já dissemos que o isolamento do sentido que se deseja exercitar faz parte da técnica da educação sensorial. Será bom, por exemplo, subtrair a criança às impressões visuais se ela tiver que exercitar-se em verificar diferenças táteis. Poder-se-á então ou escurecer o ambiente ou vendar-lhe os olhos. Em outros casos, é o silêncio que deverá ser provocado.	Isolamento do sentido no material	Material	1
Total			1

Fonte: Elaboração das pesquisadoras

Quadro 14: A presença da palavra Ambiente: A linguagem gráfica

Cap. 12 - A linguagem gráfica			
Codificação + unidade de contexto	Temática	Categoria	Quantidade
DCC12PG254P3 No segundo caso, o erro é provocado pelo estímulo auditivo, e a causa é devido ao <i>ambiente</i> .	Estímulo excessivo	Material	1
DCC12PG254P5 Se considerarmos o poder da palavra humana, é, realmente, uma grande perda uma	Linguagem	Conceito	1

pronúncia errada; nem poderíamos imaginar uma concepção estética da educação sem cuidados especiais no sentido de aperfeiçoar a linguagem articulada. Se bem que os gregos tenham transmitido aos romanos a arte de educar a linguagem, este uso não foi ressuscitado pelo Humanismo. Há mais preocupação pela estética do <i>ambiente</i> e pelo renascimento de obras de arte que pelo aperfeiçoamento do homem.			
Total			2

Fonte: Elaboração das pesquisadoras

Quadro 15: A presença da palavra Ambiente: Ensino de numeração e iniciação aritmética

Cap. 13 - Ensino da numeração e iniciação aritmética			
Codificação + unidade de contexto	Temática	Categoria	Quantidade
0	0	0	0

Fonte: Elaboração das pesquisadoras

Quadro 16: A presença da palavra Ambiente: Desenho e arte representativa

Cap. 14 - Desenho e arte representativa			
Codificação + unidade de contexto	Temática	Categoria	Quantidade
DCC14PG284-285P5 Para concluir, a melhor maneira de influir sobre o desenho é deixá-lo livre, sem esquecer, porém, de preparar os meios naturais para produzi-lo e de educar a mão. O verdadeiro talento se manifestará por si só, e não serão umas medíocres lições de desenho que hão de ajudá-lo. Mas, abandonar a criança aos seus esforços para exprimir-se com a mão é um impasse ao desenvolvimento	A educação dá-mão para a arte	Material	1

espontâneo do desenho. É necessário, pelo contrário, enriquecer o <i>ambiente</i> por meios de expressão, e preparar indiretamente a mão a aperfeiçoar sua função. Os olhos se abrem com mais penetração, as perspectivas se descortinam as mais belas e fecundas inspirações; a mão se torna mais hábil e ágil. A criança poderá com maior alegria atingir os objetivos a que a impele sua natureza, quando iniciar os exercícios preliminares indiretos.			
Total			1

Fonte: Elaboração das pesquisadoras

Quadro 17: A presença da palavra Ambiente: Os começos da arte musical

Cap. 15 - Os começos da arte musical			
Codificação + unidade de contexto	Temática	Categoria	Quantidade
DCC15PG287P2 Além disso, é necessário cercar a criança de uma produção musical suficiente para criar um <i>ambiente</i> , um clima capaz de desenvolver um "sentido" musical, uma "inteligência" musical. Faz-se mister ter à disposição uma pessoa competente para isso, ou possuir instrumentos simples e adaptados às crianças; chega-se, assim, a organizar encantadoras orquestras infantis; tais progressos, porém, não podem ser impostos como condição sine qua non, numa escola que há de ser acessível a todos. Apesar de tudo, cultivamos a educação musical, deixando à criança a livre escolha e a livre expressão, como para todos os outros ramos de seu desenvolvimento.	Educação musical	Material	1
Total			1

Fonte: Elaboração das pesquisadoras

Quadro 18: A presença da palavra Ambiente: Educação religiosa

Cap. 16 -Educação religiosa			
Codificação + unidade de contexto	Temática	Categoria	Quantidade
DCC16PG295P1 As linhas gerais da educação religiosa são as mesmas do restante do nosso ensinamento: preparação de um <i>ambiente</i> em que se distinguem diferentes preocupações, as que poderiam ser denominadas de vida prática e as que concernem à expansão do sentimento religioso, à educação do coração e à cultura necessária para viver a religião. Há, por conseguinte, um perfeito paralelo entre tudo o que foi descrito até o momento sobre a Casa dei Bambini e a educação religiosa – vida prática e formação do espírito. É o suficiente para fazer compreender a impossibilidade de apresentar aqui um tratado completo sobre este particular. As alusões e chamadas, entretanto, que se poderão fazer, bastarão para abrir o caminho às necessárias relações entre os dois ramos da educação: o que instrui a criança face à realidade do mundo exterior, e o que a forma face à realidade da vida sobrenatural.	Preparação do ambiente para educação religiosa	Material	1
DCC16PG295-296P2 Foi em Barcelona, na "Escola-Modelo Montessori", escola, do Estado, mas em que a educação religiosa católica era considerada como fim precípua, que foram lançadas as primeiras bases da educação religiosa em conformidade com minhas ideias. O primeiro estágio	Educação religiosa católica	Material	1

<p>consistiu na preparação do ambiente: a igreja das crianças, visto que todas as igrejas deveriam ter um lugar reservado aos "pequenos" fiéis. Mobiliamo-la com pequenos genuflexórios e, mais baixas, as pequenas pias de água benta, como também os diversos quadros, que revezávamos de conformidade com o tempo litúrgico; havia também imagens, isoladas ou em grupos, representando o nascimento de Jesus ou a fuga para o Egito, etc. Nas janelas, leves cortinas, que as próprias crianças fechavam para tamisar a luz. Eram elas mesmas que, por turnos, preparavam tudo para o culto, arrumavam as cadeiras, os vasos de flores, fechavam as cortinas, acendiam as velas.</p>			
<p>DCC16PG296P1 Um sacerdote instruíra-as e oficiava as cerimônias. Assim que esta igrejazinha muito simples ficou pronta e aberta para os atos da vida religiosa das crianças, surgiu, com surpresa nossa, um fruto alvissareiro do nosso método, até então insuspeito: a igreja revelou-se como o objetivo de uma grande parte da educação que nosso método se propusera a aportar: alguns exercícios, sem finalidade exterior determinada, encontraram sua aplicação. O silêncio, que prepara a criança ao recolhimento, tornou-se então o recolhimento interior próprio à Casa de Deus, num ambiente de semiobscuridade, à luz tremeluzente das velas. O andar em silêncio, que evita qualquer ruído, permite deslocar cadeiras, levantar-se e sentar-se convenientemente, passar entre os bancos evitando o menor barulho, segurar na mão objetos frágeis prestando a máxima atenção para que não se estraguem; a habilidade em transportar vasos de flores cheios de água,</p>	<p>A preparação do ambiente dentro da igreja</p>	<p>Material</p>	<p>1</p>

<p>levar de um lado para o outro velas acesas sem deixar cair cera nas mãos e nos vestido, tudo isto constituía como que repetições e, ao mesmo tempo, aplicações daquilo que a criança aprendera anteriormente dentro das paredes da classe. Tudo isso era considerado por essas tenras inteligências como o feliz desfecho de um esforço pacientemente sustentado, de onde lhes surgia agora um sentido de alegria e dignidade novas. Antes, as crianças exercitavam-se movidas por um impulso interior, mas sem uma finalidade; depois, tiveram a revelação da diferença entre dois tempos e dois lugares diferentes: a sementeira e a colheita. Ser capaz de diferenciar dois atos com- paráveis já constitui em si fontes de evolução integral. À criança de quatro anos não escapa a diferença entre a pia de água benta em que imerge a ponta dos dedos para se benzer, e a bacia com água do quarto em que costuma lavar o rosto. A intuição dessas diferenças entre coisas parecidas é já um trabalho intelectual a que é iniciado esse pequeno ser que muitos julgam incapaz de atingir concepções sobre o sobrenatural, mas que começa a sentir-se filho de Deus, amorosamente hospedado na casa do Pai.</p>			
Total			3

Fonte: Elaboração das pesquisadoras

Quadro 20: A presença da palavra Ambiente: A disciplina na Casa dei Bambini

Cap. 17 - A disciplina na Casa dei Bambini			
Codificação + unidade de contexto	Temática	Categoria	Quantidade
0	0	0	0

Fonte: Elaboração das pesquisadoras

Quadro 21: A presença da palavra Ambiente: Conclusões e impressões

Cap. 18 - Conclusões e impressões			
Codificação + unidade de contexto	Temática	Categoria	Quantidade
0	0	0	0

Fonte: Elaboração das pesquisadoras

Quadro 22: A presença da palavra Ambiente: Aquadriga triunfante

Cap. 19 - Aquadriga triunfante			
Codificação + unidade de contexto	Temática	Categoria	Quantidade
DCC19PG322P2 Mas é certo que o que foi assimilado por seu espírito durante esse período se fixa não em sua memória, mas em seu organismo vivo, orientando sua formação psíquica e seu caráter individual. A orientação educativa, durante essa idade, é proporcionada pelo próprio <i>ambiente</i> , e não por ensinamentos verbais. O que a criança assimilou sob forma de cultura constitui uma conquista permanente que alimenta seu ardoroso entusiasmo.	O que a criança assimila fica gravado em caráter	Conceito	1
Total			1

Fonte: Elaboração das pesquisadoras

Quadro 22: A presença da palavra Ambiente: Ordem e progressão na apresentação do material

Cap. 20 - Ordem e progressão na apresentação do material			
Codificação + unidade de contexto	Temática	Categoria	Quantidade
DCC20PG332P1	Imagem interação social	Conceito	1

Foto 5 - vida social e familiar A criança necessita de um <i>ambiente</i> em que possa agir e desenvolver-se			
DCC20PG334P1 Foto 7 - Os prismas Não se trata de abandonar a criança a si mesma, deixando-a fazer o que bem entende. Mas, para que ela possa ser livre, é necessário preparar-lhe um <i>ambiente</i> apropriado e dar-lhe os meios próprios para o desenvolvimento segundo as necessidades psíquicas do momento.	Os prismas	Material	1
Total			2

Fonte: Elaboração das pesquisadoras